

# O ERRO DE ERASMO E A PRONÚNCIA “NÃO GREGA” DO GREGO

## THE ERROR OF ERASMUS AN UN-GREEK PRONUNCIATIONS OF GREEK<sup>1</sup>

Dr. Chrys C. Caragounis<sup>2</sup>

### RESUMO

Parece não ser muito conhecido quais fatores e circunstâncias levaram à chamada “pronúncia científica do grego”. Tudo começou com uma “brincadeira” feita com Erasmo pelo estudioso suíço Loritus de Glarius. Posteriormente, entretanto, Erasmo descobriu a brincadeira feita com ele e então desistiu do uso da pronúncia que ele havia proposto, mas seu erro finalmente sucedeu no abandono da pronúncia grega do grego. O artigo expõe a evolução da pronúncia do grego desde as origens da língua.

---

<sup>1</sup> Publicado em *Filologia Neotestamentaria*, Gordoba, Espanha. Texto traduzido do original em inglês por Gabriel Giroto Lauter.

<sup>2</sup> O autor nasceu em Atenas, na Grécia. Possui Doutorado em Teologia pela Uppsala University. É Professor emérito de Exegese do Novo Testamento da Universidade de Lund, na Suécia, e membro da International Society of Specialists for the Scientific Study of the New Testament. Outros dados do currículo podem ser encontrados no site: [www.chrys-caragounis.com](http://www.chrys-caragounis.com). Além disso, podem ser consultadas obras mais completas sobre o tema: *The Development of Greek and the New Testament: Morphology, Syntax, Phonology, and Textual Transmission* (2007) e *New Testament Language and Exegesis. A Diachronic Approach* (2014). E-mail: [mail@chrys-caragounis.com](mailto:mail@chrys-caragounis.com)

## ABSTRACT

It does not appear to be generally known what factors and circumstances led to the so-called “scientific” pronunciation of Greek. All started with a practical joke played on Erasmus by the Swiss scholar Loritus of Glarus. Later, however, Erasmus found out the trick played on him, so he desisted from using the pronunciation he had proposed, but his error finally succeeded in ousting the Greek pronunciation of Greek. The article exposes thoroughly the evolution of the pronunciation of Greek since the origins of the language.

## 1. O PROBLEMA

Ao ser ensinado sobre como pronunciar as palavras gregas, o estudante do Novo Testamento Grego aprende que está pronunciando a língua não conforme o grego moderno, que teve um desenvolvimento posterior, mas da forma como os antigos gregos a pronunciavam. Uma dicotomia, então, é feita entre as pronúncias antiga e moderna do grego e o estudante frequentemente tem a impressão que sua pronúncia do grego seria idêntica ou quase idêntica a que os grandes objetos do seu estudo - Paulo, Lucas e João - pronunciaram e, para todos os propósitos, idêntica ou muito similar à forma como gregos como Sócrates, Platão e Aristóteles soaram nos séculos V e IV em Atenas. Essa pronúncia é apresentada como sendo a pronúncia científica do grego, em distinção à pronúncia moderna do grego, que é considerada como sendo formada a partir dessa.

Uma consequência inevitável da situação acima foi uma visão inadequada, mas com certa propagação, com relação à pronúncia do grego antigo e moderno, assim como a relação entre o grego moderno e o grego do Novo Testamento. Isso pode ser ilustrado de forma conveniente pela citação de três estudiosos. Um determinado estudioso pensou que a pronúncia que ele chamava de pronúncia do grego moderno era a pronúncia que os gregos atribuíram a *Dhimotiki*.<sup>3</sup> A verdade é que aquela pronúncia está relacionada com as letras, não com a forma das palavras ou com a sintaxe. Outro professor de grego

<sup>3</sup> N. B. O grego moderno tem outra forma, o *Katharevousa*, ou a forma grega moderna e “literária” (e até 1975 oficial), que possui raízes no reavivamento do classicismo no século II d.C. (Phrynichus, Moeris), embora grande parte da literatura moderna seja escrita no *Dhimotiki*.

pensou que os gregos haviam mudado a pronúncia de certas letras, como por exemplo, que eles pronunciavam “p” como “f” e citou como exemplo a palavra *epta*, (= “sete”), a qual ele acreditava que os gregos modernos pronunciavam como *efta*.<sup>4</sup> De fato, no grego moderno, a palavra “sete” ocorre de duas formas: como *ἑπτὰ* (*epta*) e como *ἑφτά* (*efta*), e cada uma delas é pronunciada de acordo com sua forma de escrita particular. Finalmente, um terceiro estudioso pensou que a relação do grego moderno com o grego do Novo Testamento era semelhante ao que ocorre entre os idiomas sueco, norueguês e rúnico! A verdade é que essa afirmação é falsa.

Aparentemente não se sabe que fatores e circunstâncias levaram à chamada pronúncia “científica” do grego. Os estudiosos que trabalharam com as evidências bastante complexas e técnicas do desenvolvimento do idioma grego são poucos. O tema demanda não apenas um conhecimento amplo do grego (preferencialmente em todos os seus períodos), um conhecimento a respeito das inscrições e dos papiros, que testemunham a respeito da escrita nos tempos antigos, uma boa compreensão do desenvolvimento histórico nos tempos antigos com relação às mudanças no alfabeto (a adoção do alfabeto fenício) e suas conseqüentes adaptações assim como a ratificação da escrita por Euclides (403-402 a.C.), mas também uma maestria das regras do grego a respeito da fonologia (o estudo da evolução dos sons) e também da fonopatia (a patologia dos sons em diversas condições gramaticais decorrentes de eufonias, a anulação de hiatos, etc.).

## 2. O ERRO DE ERASMO

Desde a introdução do aprendizado do grego no Ocidente, nos séculos XIII e XIV, até o início do século XVI, o grego foi universalmente

<sup>4</sup> O mesmo erro junto com uma pronúncia incorreta de duas outras palavras atribuídas aos gregos ocorre com ninguém menos que o estudioso W. F. Howard, *A Grammar of New Testament Greek. Accidence and Word-Formation* (Edinburgh: T & T Clark, 1928, última impressão 1979) 45: “φθάνω é no grego moderno *ftáno*, αἰσθά νομαι é *estánome* ... ἑπτὰ = *eftá*”, e outras imprecisões sobre o grego moderno. Tais imprecisões sobre o grego moderno são abundantes em F. Blass, *Über die Aussprache des Griechischen* (Berlim: Weidmannsche Buchhandlung, 1.ed. 1870, 2.ed. 1882, e 3.ed. 1888) p. ex. 2.ed. 83 (= 3.ed. 97), 3.ed. 103, enquanto seu desconhecimento da fonologia do grego moderno é visto através de seu livro (cf. p. ex. a 3.ed. 132ff.). Blass introduziu, ou pelo menos contribuiu para, a propagação da imagem imprecisa do grego entre a comunidade acadêmica desde então.

pronunciado da mesma maneira como é pronunciado hoje. Em 1528, o estudioso humanista Desiderius Erasmus de Rotterdam, que durante um tempo morou em Leuven, nos Países Baixos, compôs um diálogo em latim entre um urso e um leão<sup>5</sup>, no qual ele estabeleceu uma nova maneira de se pronunciar o grego, que passou a ser chamada de pronúncia erasmiana do grego, ou etacismo, considerada por seus proponentes como a *pronúncia científica do grego*. O incentivo para a escrita desse livro veio de uma brincadeira que lhe foi aplicada pelo estudioso suíço Henricus (Loritus de Glarus, conseqüentemente) Glareanus. Glareanus, que acabara de chegar de Paris, encontrou Erasmo que, sendo excessivamente amante de novidades e crédulo, estava ansioso para saber as novidades da “Cidade das Luzes”; ele lhe disse que haviam desembarcado em Paris certos estudiosos gregos que pronunciavam o grego de maneira diferente da conhecida na Europa, e que eles haviam lhe ensinado a nova pronúncia. Houve uma verossimilhança na nova sugestão, porquanto o grego atribui a diversas letras o som de “i”. Além disso, o latim transliterava, por exemplo, a segunda sílaba de ἐκκλησία com “e” (exemplo: *ecclesia*) em vez de “i” (exemplo: *ekklisia*), como o η é de fato pronunciado pelos gregos.<sup>6</sup> Ao escrever esse diálogo, Erasmo foi motivado por um interesse óbvio em uma verdade fatural e iniciou sua nova pronúncia acreditando que ela estava sendo atualmente usada pelos gregos. Não querendo ser antecipado por outro, ele imediatamente compôs seu *Dialogus*. Mais tarde, entretanto, descobriu a brincadeira que lhe havia sido aplicada e desistiu do uso da pronúncia que havia criado, permanecendo com a pronúncia antiga (e orientando seus amigos mais íntimos a fazerem o mesmo), assim como também fez seu oponente Johannes Reuchlin, seu sobrinho mais novo Phillip Melanchthon e também Martin Luther. Mas as “notícias” se espalharam como fogo e, após séculos de luta com a pronúncia tradicional, o erro de Erasmo finalmente teve sucesso em substituir a pronúncia do grego, estabelecendo sua pronúncia em todos os países fora da Grécia (fora poucas exceções).<sup>7</sup>

<sup>5</sup> *De recta Latini Graecique sermonis pronuntiatione dialogus* (Basiliae: Frobenius 1528).

<sup>6</sup> Especulações similares haviam sido feitas antes por Spaniard Antonio de Lebrixa, o tipógrafo de Veneza Aldus Manutius, e o italiano Girolamo (Hieronymus) Aleander.

<sup>7</sup> A história da fraude a qual Erasmo foi vítima é relatada em uma narrativa datada de 27 de outubro de 1569, e é citada por um fervoroso apoiador do erasmianismo, em Gerardi Ioannis Vossii, *Aristarchus, sive de arte Grammatica libri septem etc.*, (Amstelædami: I. Blaev 1635, Editio secunda 1662) 106p. Minha gratidão é devida ao senhor Martin Engels, curador da Provinciale Bibliotheek van Friesland em

Essa pronúncia de Erasmo procura representar um sistema único de pronúnciação, mas isso ocorre apenas na teoria; na prática atual, o grego é pronunciado em conformidade com o alemão, inglês, francês, e assim por diante, conforme a língua materna da pessoa<sup>8</sup> (portanto, em nossa conferência internacional sobre o Novo Testamento, experimenta-se uma experiência ao estilo “Babel” quando se tenta identificar que palavra grega o orador está tentando pronunciar) - apesar de um estudioso do Novo Testamento certa vez ter me garantido que sua pronúncia do grego era igual à de Sócrates e de Platão! Esta situação, naturalmente, rouba da pronúncia de Erasmo o direito de ser chamada de científica, uma vez que a então chamada pronúncia científica do grego é - para parafrasear a frase de Hirsch<sup>9</sup> - nada além de uma democracia caótica de pronúncias não gregas do grego, cada uma concebida de acordo com aquilo que é natural na língua materna do orador.

### 3. CIRCUNSTÂNCIAS HISTÓRICAS

Alguém pode se perguntar, como essa brincadeira com Erasmo

---

Leeuwarden, na Holanda, quem gentilmente me enviou fotocópias de páginas relevantes desse livro. O texto corre da seguinte forma: “*Ac Erasmus quinem quâ occasione ad scribendum de rectâ pronunciatione fuerit impulsus, paucis cognitum arbitrator. Itaque visum hâc de adjicere, quod in schedâ quadam habeo, scriptâ olim manu Henrici Coracopetræi, viri, egregiè docti, doctisque perfamiliaris. Ae ita habet: `Audiui M. Rutgerum Reschium, professorem Linguæ Græcæ in Collegio Buslidiano apud Lovanienses, meum piæ memoriæ præceptorem, narrantem, se habitâsse in Liliensi pædagogio unâ cum Erasmo, plus minus biennio eo superius, se inferius cubiculum obtinente: henricum autem Glareanum Parisiis Lovanium venisse, atque ab Erasmo in collegium vocatum fuisse ad prandium: quò cum venisset, quid novi adferret interrogatum, dixisse (quod in itinere commentus erat, quòd sciret Erasmum plus satis rerum novarum studiosum, ac mirè credulum) quosdam in Græciâ natos Lutetiam venisse, viros ad miraculum doctos; qui longè aliam Græci sermonis pronunciationem usurpatent, quàm quæ vulgò in hisce partibus recepta esset. Eos nempe sonare pro B vita, BETA: pro H ita, ETA: pro ai æ, AI: pro OI I, OI: & sic in cæteris. Quo audito. Erasmum paulò pòst conscripsisse Dialogum de rectâ Latini Græcique sermonis pronunciatione, ut videretur hujus rei ipse intensor, & obtulisse Petro Alostensi, typographo, imprimendum: qui cum fortè aliis ocupatus, renueret; aut certè se tam citò excudere, quàm ipse volebat, non posse diceret; misisse libellum Brasileam ad Frobenium, a quo mox impressus in lucem prodiiit. Verùm Erasmum, cognitâ fraude, nunquam eâ pronuciandi ratione postea usum; nec amicis, quibuscum familiariter vivebat, ut eam observarent, præcepisse. In ejus rei fidem exhibuit M. Rutgerus ipsius Erasmi manuscriptam in gratiam Damiani à Goes Hispani pronunciationis formulam (cujus exemplar adhuc apud me est) in nullo diversam ab eâ, quâ passim docti & indocti in hac linguâ utuntur`. Henricus Coracopetræus Cuccensis. Neomagi. CI O I O LXIX. pridie Simonis & Iudæ.”*

<sup>8</sup> Isso é verdade também a respeito dos teóricos. Cf., p. ex., os teóricos alemães (p. ex. F. Blass, E. Schwyzer) e os teóricos americanos e britânicos (p. ex. E. H. Sturtevant, W. S. Allen).

<sup>9</sup> E. Hirsch, *Validity in Interpretation* (New Haven: Yale Univ. Press, 1967), p. 5.

foi possível? Como podem os proponentes dessa nova pronúncia não terem verificado essa novidade com os gregos? Por que os gregos não protestaram? Qual a explicação para o crescimento do sucesso dessa inovação na pronúncia do grego?

Existe uma circunstância histórica que, até onde posso ver, não foi levada em consideração. Seguindo seu movimento da capital de Roma para Constantinopla sob Constantino, o período do Império Romano do Novo Testamento gradualmente se transformou em um novo império grego, o Império Bizantino. Esse Império Bizantino teve um período de vida de em torno de 1100 anos até 29 de maio de 1453, quando Constantinopla foi finalmente tomada pelos turcos. Apesar de haver muitos estudiosos gregos, com o avanço dos muçulmanos, eles carregaram seus livros e fugiram para a Itália, ajudando a iniciar lá a Renascença<sup>10</sup>; não havia mais um estado grego que poderia vigiar

<sup>10</sup> Dos gregos, que trouxeram as letras gregas – e, portanto, a pronúncia histórica do grego – para o ocidente antes e depois da queda de Constantinopla, pode-se citar os seguintes exemplos: O monge “hesychiano” Barlaam de Calábria (1290 - 1348) tendo estudado na Universidade de Constantinopla (fundada em 1045 d.C.) foi um dos primeiros gregos a espalhar o conhecimento do grego na Itália. Entre seus pupilos estavam Petrarca e possivelmente Boccaccio; Leontios Pilatos se tornou professor de grego na Universidade de Florença em 1360. Sua tradução de Homero foi usada por Petrarca e Boccaccio em sua reforma educacional; Manuel Chrysoloras foi professor de grego na Universidade de Florença (1396 - 1399); ele lecionou também em Pavia, Milão e Roma; Georgios Gremistos Plethnon (1360 - 1452), um observador no sínodo de Ferrara-Florença (1438 - 1439), lecionou durante aquele período para os doutos sobre Platão, e sua superioridade sobre Aristóteles, introduzindo sua audiência às diferenças entre os dois filósofos. A impressão que ele causou acabou por levar Medici a fundar a Academia Platônica de Florença (1459); O Arcebispo Bessarion fundou com a ajuda do Papa Nicolas I uma Academia de Filosofia Grega em Roma; Ioannes Argyropoulos foi professor de grego em Florença 1456 - 1470, onde um de seus pupilos foi Politian; ele foi convidado pelo rei da Hungria Matthias I Corvinus para introduzir o ensino de grego na Hungria; Demetrios Chalkokondylis (1423 - 1511) ensinou em Pádua, depois em Florença por 16 anos, assim como em Milão por convite de Ludovico Sforza, cuja em corte nesse período residia também Leonardo da Vinci e Bramante; Constantinos Lascaris ensinou grego em Milão e também no monastério de San Salvatore (1468 - 1501), onde ele sucedeu outro grego, Andronikos Galesiotis; Andronikos Kallistos ensinou em Pádua, Bologna, Roma, Florença (1471 - 1475), e presumidamente em Londres, onde morreu; Georgios Hermonymos foi o primeiro grego a ensinar em Sorbonne: entre seus pupilos estavam o alemão Joh. Reuchlin, o veneziano Ermolao Barbaro, o holandês Desiderius Erasmus, e o francês Guillaume Budé; Janos Lascaris (1445 - 1535) se tornou bibliotecário em Florença, sucedendo então D. Chalkokondylis como professor. Por sua recomendação o Papa Leo X fundou o Ginásio Grego de Roma em 1514; Markos Mousouros juntamente com Aldus Manutius publicou clássicos gregos em venezia; ele ensinou em Pádua: entre seus pupilos estava o francês Germain de Brie, o alemão Johan Konon, Desiderius Erasmus, o embaixador francês Jean de Pin, o húngaro humanista Janus Vertessy, e Galenius de Praga. Ele foi o primeiro a publicar obras completas de Platão; junto com Battista Egnazio ele fundou a famosa Marcian Library of Venice; Franciscus Portos

o destino da língua grega e sua pronúncia. Os gregos envolveram-se em uma luta de vida ou morte com os turcos, uma luta que durou mais de 200 anos, até a queda de Constantinopla. Naturalmente, então, eles não apenas perderam os meios de resistir à nova pronúncia, mas foram, na maior parte, inconscientes do que estava acontecendo na Europa central. Os europeus do oeste, por outro lado, tendo pregado seu sermão fúnebre sobre a Grécia, sentiram-se livres para dispor de seu legado conforme consideraram adequado.

O advento dos gregos na Itália marcou o início da nova “Escola do Ocidente” de estudos clássicos, que, seguindo a morte de seus fundadores, passou às mãos de não gregos. O (histórico) gramático A. Jannaris<sup>11</sup> expressou de forma pertinente ao dizer: “O primeiro ato dessa escola, ainda em sua infância, foi abandonar a pronúncia tradicional - que reflete talvez a parte menos modificada da língua - e então declarar o grego uma língua morta”.

Isso, em resumo, é o pano de fundo histórico que tornou possível a ascensão e o estabelecimento da pronúncia de Erasmo.<sup>12</sup> Tendo se estabelecido, advoga-se a necessidade da produção de “provas científicas” para sua exatidão.

Um de seus principais proponentes foi Friedrich Blass, cujos argumentos (elaborados em um escrito de 41 páginas, então expandido para 109 e posteriormente para 140 páginas) têm sido frequentemente refutados.<sup>13</sup> Muitos estudiosos, ingleses, alemães, americanos e gregos, escreveram contra a pronúncia de Erasmo, e a luta sobre a pronúncia do grego - no seu auge no século XIX<sup>14</sup> - terminou em um “beco sem

---

(1511 - 1581) ensinou em Veneza e em Genebra; Aimilios Portos (1550 - 1610), filho do anterior, ensinou em Genebra, Lausanne, Leidelberg, e em outras cidades alemãs; Leon Allatios (1586 - 1669) foi bibliotecário do vaticano e editou muitos Pais e outros escritores, como Crisóstomo e Photius.

<sup>11</sup> A quem, entre outros, eu sou um grande devedor; veja sua obra *An Historical Greek Grammar Chiefly of the Attic Dialect: As Written and Spoken From Classical Antiquity Down to the Present Time* (London: MacMillan & Co., 1897) Prefácio viii.

<sup>12</sup> Isso se tornou relativamente fácil devido à queda do império bizantino, que não podia mais impedir seu desenvolvimento, bem como devido à minguante presença dos intelectuais gregos no Ocidente e, por outro lado, por sua ignorância a respeito dos inscitos que contradiziam suas conclusões. Como se viu, a pronúncia do grego foi determinada quase que somente a partir da pronúncia do latim.

<sup>13</sup> Por exemplo, um acadêmico grego escreveu um livro de 752 páginas (Θ. Παπαδημητράκοπουλου, Βάσανος τῶν περὶ τῆς ἑλληνικῆς προφορᾶς Ἑρασμικῶν ἀποδείξεων, Ἐν Ἀθήναις, 1889) estabelecendo as evidências então disponíveis em defesa da pronúncia histórica do grego e ao mesmo tempo mostrando a insustentabilidade dos argumentos de Blass e de outros defensores do erasmianismo.

<sup>14</sup> Lamentavelmente a argumentação algumas vezes ultrapassa o campo científico. F.

saída”: os gregos continuaram a pronunciar na forma grega, enquanto o outro campo considerou que haviam descoberto a pronúncia “autêntica” da antiguidade clássica. Curiosamente e de forma auto-contraditória, eles passaram a pronunciar Homero, Platão, o Novo Testamento e os Pais da Igreja - todos da mesma maneira!

#### 4. A PRONÚNCIA HISTÓRICA DO GREGO

Um professor clássico me disse certa vez que estava ciente de que a pronúncia de Erasmo não reflete a pronúncia do grego antigo, “mas”, ele explicou, “ela nos ajuda a pronunciar o grego corretamente”. De fato, a consciência de que a pronúncia de Erasmo do grego era imprecisa é hoje bastante difundida e uma maior abertura tem sido percebida entre os estudiosos internacionais.

Aliás, durante seus longos quatro mil anos de história, o grego não foi pronunciado de maneira uniforme. Nossos registros

---

Blass, por exemplo, impelido pela visão romântica do século XIX do grego antigo, de acordo com a qual todo desenvolvimento subsequente, significava um retrocesso (conforme seu comentário de que os italianos não são “*die reine Nachkommen der alten Römer*”, 1.ed. p. 8) chamou os gregos modernos, assim como os bizantinos, de “meio-bárbaros” (“*Wohl sind die Neugriechen un waren die Byzantiner micoba/rbaroi*” [1.ed. p. 8]) e condenou os gregos modernos como bárbaros corruptos e indignos (apesar de três edições do seu livro darem ampla evidência de que ele não era familiarizado com a fonologia do grego moderno), conforme, por exemplo, 1.ed. p. 7: “*Die Sprache eines Homer oder Platon nach derjenigen der Syrer des dritten Jahrhunderts oder der verkommenen Byzantiner umzuwandeln, wäre die reine Barbarei*”; p. 8: “*Folglich ist die historische Grundlage [i.e. a pronúncia do grego moderno], welche die Reuchlinianer [quem pronunciava o grego da maneira grega] im Gegensatz zu uns [no caso, erasmianos] für sich in Anspruch nehmen, eine gänzlich nichtige und wertlose*” (grifo meu), e considerou que a pronúncia alemã do grego era praticamente idêntica com a pronúncia verdadeira e genuína não apenas de Homero, mas também de todo o período em que a língua grega se desenvolveu - uma posição estranha tendo em vista as enormes evidências epigráficas que mostram que a pronúncia estava sofrendo profundas mudanças nos séculos V e IV a.C.: “*Unsere Aussprache ist in allen andern Punkten des Vokalismus fest genug begründet als die wenigstens annähernd wahre und echte nicht etwa nur der homerischen Zeit, sondern der gesamten Blütezeit der griechischen Nation. ...*” (itálico meu). Ele terminou ambas, a 2ª e a 3ª edição de sua obra com uma sentença notável expressando arrogância, ao mesmo tempo admitindo ter pervertido (“*Verhunzung*”) a pronúncia do grego: “*... die wirkliche Sprache aber mag eher noch mannigfaltiger gewesen sein, und es ist hiernach wohl vollends klar, welche ungeheuren Schwierigkeiten die griechische Aussprache für den Ausländer dargeboten haben muss. Wir haben es leichter, da uns niemand kontrollieren kann, und wenn es sich nicht schickt, ganz gleichgültig gegen eine bessere oder schlechtere Aussprache zu sein, so wollen wir auch andererseits nicht in pedantischer Weise uns so geben, als ob eines Tages die alten Hellenen auferstehen und uns über die Verhunzung ihrer schönen Sprache zur Rechenschaft ziehen könnten!*” (itálico meu).

escritos nos levam de volta a três milênios e meio. Mas não há como estabelecer como era a pronúncia no segundo milênio e na primeira parte do primeiro milênio a.C. O material significativo vem até nós na forma de inscitos do século VII a.C. e na forma de papiros alguns séculos depois. Em particular, o material que evidenciou não a grafia histórica oficial, normalmente encontrada em inscrições públicas, mas a popular, frequente entre as pessoas pouco educadas, que tentava reproduzir os sons da língua falada, é o guia mais seguro para a pronúncia do grego da antiguidade. Um estudo cuidadoso das evidências leva aos seguintes resultados:

As letras  $\alpha$ ,  $\epsilon$ ,  $\iota$ ,  $\kappa$ ,  $\lambda$ ,  $\mu$ ,  $\nu$ ,  $\xi$ ,  $\omicron$ ,  $\pi$ ,  $\rho$ ,  $\sigma$ ,  $\tau$ ,  $\varphi$ ,  $\psi$  não estão sendo questionadas. Elas são pronunciadas por gregos e erasmianos de forma semelhante, ou praticamente igual. As letras em que há disputas são as consoantes  $\beta$ ,  $\gamma$ ,  $\delta$ ,  $\zeta$ ,  $\theta$ ,  $\chi$ , as vogais  $\eta$ ,  $\upsilon$ ,  $\omega$ , os ditongos, assim como as aspirações e os acentos. A pronúncia das letras disputadas é conforme se segue (a pronúncia grega é indicada apenas aproximadamente: como em todas as outras línguas, a qualidade sonora pode ser aprendida apenas por falantes nativos):

Letra	Pronúncia grega	Pronúncia de Erasmo
$\beta$	= v	= b
$\gamma$	= gh (como um “g”, mas com som mais aspirado)	= g
$\delta$	= dh (como no inglês “then”)	= d
$\zeta$	= z (como “z” no inglês “zebra”)	= dz ou zd
$\theta$	= th (como no inglês “thin”)	= t
$\chi$	= ch (como no alemão “ich”)	= k
$\eta$	= i	= e (como no alemão “ä”)
$\upsilon$	= i	= u ou y
$\omega$	= o (como no inglês “for”)	= o (longo)
$\alpha\upsilon$	= e (como no alemão “ä”)	= ai (como dois sons)
$\epsilon\iota$	= i	= ei (como dois sons)
$\omicron\iota$	= i	= oi (como dois sons)
$\upsilon\iota$	= i	= ui ou yi (como dois sons)

Letra	Pronúncia grega	Pronúncia de Erasmo
αυ	= an (antes de vogal ou β, γ, δ, ζ, λ, μ, ν, ρ) ou af (antes de qualquer outra consoante)	= au (como dois sons)
ευ	= en ou ef (como acima)	= eu (como dois sons)
ηυ	= in ou if (como acima)	= eu (longo, como dois sons)
ˆ	= sem aspiração	= aspiração (= h)
˘ ˙ ˚	= acentos considerados	= acentos não considerados

Ao estudar a questão da pronúncia do grego, dois fatos importantes a serem considerados são: a) a mudança do alfabeto do alfabeto pré-fenício para o fenício, que aconteceu antes de 800 a.C., e b) a adoção gradual por Atenas, durante o século V a.C., do alfabeto jônico (ou seja, o alfabeto fenício aperfeiçoado pelos jônios), que foi finalmente ratificado em 403 a.C. (sendo idêntico ao alfabeto grego moderno), e a conseqüente confusão na grafia que se estabeleceu, palavras gregas continuaram a ser escritas na forma pré-jônica até o século III a.C. e em alguns casos no tempo bizantino. Isso significa que dois sistemas estiveram em uso simultaneamente: o antigo, sistema oficial, frequentemente encontrado em monumentos de caráter público, como ocorre em um bom número de inscitos, e a nova grafia que expressa melhor os sons atuais da língua, encontrada principalmente em inscitos de caráter privado, mas não raramente também em inscitos públicos, bem como em papiros. É importante ter isso em mente se vamos resolver muitos problemas relacionados a detalhes. O argumento aqui pode se tornar um tanto envolvente e complexo. Entretanto, o propósito aqui será uma afirmação lúcida focando na grafia de vários sons, na troca de uma letra por outra, e na data mais antiga em que isso foi documentado.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> A afirmação a seguir é baseada principalmente nas evidências da *Inscriptiones Graecae*, particularmente nos volumes do *Corpus Inscriptionum Atticarum* (CIA, o material mais relevante sobre a pronúncia ateniense), do *Inscriptiones Graecae Antiquissimae* (IGA), do *Supplementum Epigraphicum Graecum* (SEG), e do *Corpus Inscriptionum Graecarum* (CIG). Destes, li a maior parte dos inscitos do período a.C. nos quatro volumes do CIA, todos os inscitos no IGA, todos os inscitos áticos nos 39 volumes do SEG e consultei os demais bem como outras publicações. Material relevante também pode ser encontrado em outras coleções de inscitos, bem como em várias coleções de

Antes da adoção do alfabeto jônico (século V a.C.) a letra E representava o som que mais tarde passou a ser representado por E, H (como uma vogal), e EI<sup>16</sup>, enquanto a letra O representava os sons posteriormente representados por O, Ω, e OΥ.<sup>17</sup> Com relação às consoantes, a monografia Φ foi durante o mesmo período representada pelo dígrafo ΠΗ; a monografia X foi representada pelo dígrafo ΚΗ; a monografia Ξ<sup>18</sup> foi representada pelo dígrafo ΚΣ (posteriormente ΧΣ)<sup>19</sup>; a monografia Ψ<sup>20</sup> foi representada pelo dígrafo ΠΣ (mais tarde ΦΣ)<sup>21</sup>, e a monografia Q foi aparentemente representada pelo dígrafo ΤΗ. Essas escritas alternativas continuaram até o século III a.C. e depois.

A letra H foi originalmente usada para aspiração. Afirma-se que ela tenha sido dividida em duas, deixando que metade esquerda se tornasse a aspiração forte (<), e a metade direita a aspiração branda (>). Assim, a letra H originalmente tinha duas funções: uma para marcar a aspiração, e a segunda como segundo elemento nos dígrafos ΠΗ, ΚΗ e ΤΗ. Em jônico, em que a aspiração cessou por volta do século VII a.C., eles transformaram o sinal H em uma letra, o som longo de EE (como no francês *tête*).<sup>22</sup> Assim, até o século V a.C., havia apenas cinco vogais: α, ε, ι, ο, υ para os cinco sons básicos da língua grega, desde então

---

papiros egípcios. Esse material mostra de forma concisa a pronúncia aproximada de várias letras.

<sup>16</sup> P. ex. o óstraco contra Megacles e Aristides: ΜΕΓΑΚΛΕΣ ΗΠΠΟΚΡΑΤΟΣ (para Μεγακλῆς Ἴπποκράτους) e ΑΡΙΣΣΤΕΙΔΕΣ ΛΥΣΙΜΑΧΟ (para Ἀριστείδης Λυσιμάχου) 482 a.C., veja *Ἱστορία τοῦ Ἑλληνικοῦ Ἔθνους*, Vol. II, Ἀθήναι 1971, p. 311, e CIA IV, 27, a 75, 445 a.C.: ΕΦΕΣΙΝ ΕΝΑΙ ΑΘΕΝΑΖΕ ΕΣ ΤΕΝ ΗΕΛΙΑΙΑΝ (= ἔφεσιν εἶναι Ἀθήναζε ἐς τὴν ἑλιαίαν).

<sup>17</sup> P. ex os nomes ΗΠΠΟΚΡΑΤΟΣ, ΛΥΣΙΜΑΧΟ (= Ἴπποκράτους, Λυσιμάχου) na nota anterior, e CIA I, 32, A 9, 435 a.C.: Ε ΒΟΛΕ ΑΥΤΟΚΡΑΤΟΡ ΕΣΤΟ (= ἡ βουλή αὐτοκράτωρ ἔστω) - note a ausência da aspiração!

<sup>18</sup> Entre os exemplos mais antigos de Ξ estão: CIA I, 440, antes de 444 a.C.: ΞΥΜΜΑΧΟΣ, ΞΑΝΘΙΑΣ; CIA I, 299, antes de 444 a.C.: ΧΑΡΙΞΕΝΟ (= Χαριξένου).

<sup>19</sup> CIA IV, b, 1, a, 1, 570-560 a.C.: ΕΔΟΧΣΕΝ ΤΕΙ ΒΟΛΕΙ ΚΑΙ ΤΟΙ ΔΕΜΟΙ (= ἔδοξεν τῇ βουλῇ καὶ τῷ δήμῳ). Ao citar as inscrições, letras minúsculas serão usadas, letras maiúsculas serão reservadas para ênfases especiais.

<sup>20</sup> Entre os exemplos mais antigos de Ψ estão: CIA I, 13, 4, antes de 444. a.C.: ψέ φρισμ[α] (= ψήφισμα) e *ibid.* linha 7: ἀνάγραψαν.

<sup>21</sup> SEG XXV, 59, 520 a.C.: Ἔφσιος (= Ἔφσιος) CIA I, 32, A, 4, 435 a.C.: ἐφσέφιστο (= ἐψήφιστο).

<sup>22</sup> Entre os exemplos mais antigos de H como letra antes de sua adoção oficial em 403 a.C. estão: στρατηγούς (CIA IV, 27, a, 77, 445 a.C.); ἄρρητοι (CIA I, 23, a, 2, antes de 444 a.C.); ἀνέθηκεν (CIA I, 398, 2, antes de 444 a.C.); Ἀριστοκράτης ... ἀνέθηκεν νικήσας (CIA I, 422, 1, 4, antes de 444 a.C.).

a, e, i, o, u. Os sinais de H e Ω, não tendo tomado o lugar de nenhum outro sinal de vogal, e não representando nenhum som existente<sup>23</sup>, parecem ter sido adotados originalmente (no século V a.C.) como meras marcas técnicas e compensatórias para E e O respectivamente na posição acentuada (e, portanto, alongada). Finalmente, entretanto, eles acabaram sendo considerados como vogais longas. Esse comprimento foi aparentemente devido ao *antectasis* (prolongamento do som da vogal devido à queda da consoante, o que afeta o ritmo), ou pelo *ictus* (ênfase causada à sílaba escolhida para carregar o compasso do ritmo no verso, em distinção ao acento natural ou à ênfase de uma palavra), sendo que é natural no grego a pronúncia de todas as vogais de forma isocrônica (isto é, todas igualmente longas).

Assim, nos escritos áticos no início do século VI a.C. o E ocorre como EI<sup>24</sup> e mais tarde como H, enquanto O ocorre como OY e mais tarde como Ω.<sup>25</sup> Após a metade do século V a.C., quando H e Ω se tornaram letras reais, houve uma constante confusão entre E e H, e entre O e Ω. Entre 450-300 a.C. houve também uma constante confusão entre o E e EI, entre EI e E, entre E e H, entre H e E, entre EI e H, entre EI e HI, e entre O e OY<sup>26</sup> (mas quase nunca entre OY e O ou Ω<sup>27</sup>), entre O e Ω, e entre OI (isto é, *i-subscriptum*) e ΩI.

A partir de 403 a.C. H tomou o lugar do E que aparecia como “longo” em versos por causa do *ictus*, que em outros dialetos havia sido representado por H<sup>28</sup>. Esse H, que foi então adotado por razões

<sup>23</sup> Ainda em 340 a.C. as letras consideradas como vogais eram cinco: α, ε, ι, ο, υ, cf. CIA IV, 4321, 3f.: τὸ δὲ πέμπτον (no caso o último) τῶν φωνηέντων Υ. Isso claramente exclui H e Ω da lista. Essas duas letras são excluídas mesmo no alfabeto jônico do século V a.C.

<sup>24</sup> Assim, μι)mi ocorre lado a lado com o infinitivo μελεδαίνεν (= μελεδαίνειν) (CIG I, 8, B, c. 570 a.C.).

<sup>25</sup> Conforme p. ex. CIA IV, 27, a 75, 445 a.C.: ἔφεσιν ἔναι ἀθέναζε ἐς τὲν ἡλιαίαν (= ἔφεσιν εἶναι Ἀθήναζε ἐς τὴν ἑλιαίαν); ἔδοξε τῷ βολεῖ καὶ τοῖ δέμοι (IGA III, 3, 8, 458 a.C.; CIA I, 32, 435 a.C.) para ἔδοξε τῇ βουλῇ καὶ τῷ δήμῳ; ἔδοξεν τοῖ δέμοι (IGA I<sup>2</sup>, 1, 1, (446 a.C.); SEG I, 4 (418 a.C.) στρώματα (para στρώματα).

<sup>26</sup> O ocorre como OY em SEG XII, 100 (377/6 a.C.) Μονιχιῶνος ... ἰσταμένο (sem aspiração!); SEG XII, 87, 19 (336 a.C.) βολεύητι, conforme linha 25; βογλευτήριον.

<sup>27</sup> Ω ocorre no lugar de O (= ου) algumas vezes, p. ex. CIA I, 358, antes de 444 a.C.: λευκολοφίδω (= Λευκολοφίδου) e CIA I, 93, A, 8, 420 a.C.: θεω (= θεοῦ).

<sup>28</sup> O símbolo H continuou a ser usado por um tempo como marca de aspiração, entretanto sua frequente ausência na mesma palavra sugere que a aspiração não foi observada. Veja ΗΟΡΟΣ (= ὄρος) (CIA II, 1063; 1066; 1074; 1075; todos do início do século IV a.C.) e ΟΡΟΣ (= ὄρος) (CIA II, 1064; 1069; 1070; 1071; 1072; 1073; 1076; 1079; 1080; 1081; 1082; 1085; 1086; 1087; 1088; 1089; 1090; 1091; 1092; 1094; etc. todos

técnicas, era popularmente usado para EI, que agora foi pronunciado como I.

Um ditongo consiste em duas vogais. Devido à escassez de contrações nos épicos de Homero e em outros trabalhos antigos, os ditongos, uma vez que eles são originais desse período, devem ter tido uma pronúncia por meio do qual ambas vogais soavam. No período clássico, entretanto, quando as contrações foram totalmente desenvolvidas, eles foram pronunciados de forma monotônica, como um único som. Isso é visto a partir de muitos exemplos em que I substitui EI desde o século VI a.C. e também nos hinos délficos (depois de 146 a.C.), onde, quando um ditongo se encontra em uma nota longa, ele não é dissolvido entre as partes que o constituem, mas é repetido por completo, como se fosse uma simples vogal.<sup>29</sup> A pronúncia do ditongo deve levar em conta o acento. Essa regra básica da trissilabotonia (isto é, que as palavras gregas não recebem acento a não ser nas três últimas sílabas) teve como efeito que o acento foi colocado na primeira ou na segunda vogal do ditongo: *ái-αί*, *έι-εί*, *οί-οί*, *ού-ού*, etc. Esses ditongos, que eram acentuados na primeira vogal, tornaram-se espúrios [originalmente escritos como (AE) AI, EI, OI, YI, mais tarde se tornaram AI HI ΩI YI] com a segunda vogal perdendo seu som e sendo reduzida primeiro a *i-adscriptum*, e posteriormente (século XII d.C.) a *i-subscriptum*. Estes ditongos, que eram acentuados na segunda vogal, eram pronunciados de forma monotônica. Assim, a pronúncia de AI tendeu para e finalmente se tornou idêntica a de E, de EI, OI, e de YI com I, enquanto a pronúncia de Y de forma crescente tornou-se como I, o som de Y tornou-se representado por OY.<sup>30</sup> Esse processo, como as evidências de inscrições indicam, foi, em

---

do início do século IV a.C.). CIA IV 54b (363 a.C.) contem em torno de quarenta palavras que deveriam ter recebido aspiração, das quais nenhuma foi aspirada. Isso, entretanto, possivelmente deve-se à prática depois de Eucleides. Veja a discussão a respeito das “aspirações” abaixo.

<sup>29</sup> Veja a base de dados *Thesaurus Linguae Graecae*: Delphi FD III:2 137, 2 ἐ[ρ]ύβρομονου, 3 φόιοιβον, 8 e 21 μαντέειον, 11 βωμοίοισιν, 12 όμοϋου, 14 αειόλοιοις, 20 θνατοίοις, 21 έπειλες, έφροϋογρει, 138, 15 άδέειον, 22 έχειεις).

<sup>30</sup> Foneticamente os vários sons de vogais são formados na frente (*i*), no meio (*a, e*), e no fundo (*o, u*) da cavidade bucal. Com relação à posição dos lábios, eles ficam praticamente fechados para a pronúncia dos sons de *i* e *u*, meio abertos para *e* e *o*, e abertos para *a*. Entre esses pontos fixos, frente, meio e fundo, e fechado, meio aberto e aberto, há uma infinidade de escalas possíveis na pronúncia dos sons de *i, e, a, o* e *u*, o que é comprovado pela grande variedade dos sons de vogais p. ex. no inglês e no sueco. Assim, a transição, por exemplo, de EI, H, Y, YI, OI para I não deve ter sido súbita e completa em cada caso, mas gradual, provavelmente passando através dos

sua maioria, iniciado ainda na antiguidade pré-clássica.

Originalmente o ditongo AI era escrito como AE. Isso foi mudado para AI por analogia com EI, OI, YI. Entretanto, por causa de sua composição inicial como AE, ele não adquiriu o som de I, como aconteceu com os outros ditongos, mas manteve seu som original de E.

Com os dois ditongos AY e EY ocorre diferente. O original AY = au e EY = eu, onde o acento estava no primeiro elemento, portanto:  $\acute{\alpha}^v$ ,  $\acute{\epsilon}^v$  se tornando  $\hat{\alpha}^v$ ,  $\hat{\epsilon}^v$  gradativamente levaram à consoantização do u e isso finalmente levou ao som de v antes de uma vogal ou consoante (veja a tabela acima) e ao som de f antes de uma consoante forte. A labialização (pronúncia com os lábios, isto é, como consoantes), desses ditongos é testemunhada desde o século V a.C. (veja abaixo). Sons análogos foram atribuídos ao terceiro ditongo, HY, que foi adicionado nessa época.

#### 4.1 Critério para a determinação da pronúncia do grego

Para determinar a pronúncia das várias letras, as evidências têm normalmente sido obtidas das seguintes áreas: a) de declarações indiretas de autores antigos, como p. ex. jogos com palavras e sons de animais, b) de inscritos e papiros, c) com filologia comparativa, em particular, transcrições de outras línguas, especialmente do latim, e, d) através da teoria fonética moderna. Erasmianos mais antigos usaram os quatro tipos de evidências, mas não tiveram sucesso em estabelecer uma base aceitável, pois o material mostrou-se intratável. Erasmianos mais recentes evitaram as inscrições (especialmente as mais antigas)

---

estágios intermediários. Devido à falta de letras intermediárias que possam registrar o progresso fonético do som de cada letra no seu caminho em direção ao som de I, não é possível marcar cada um dos estágios desse processo em uma data específica da história. A evidência muda dos inscritos e papiros apenas nos pode dizer que H, U, etc. eram confundidos com I, mas não quando em um caso específico eles soavam completamente igual ou apenas de maneira parecida com I. Mesmo assim, a semelhança deve ter sido grande a ponto de excluir outras possíveis substituições. Conseqüentemente, temos uma justificativa ao pronunciar p. ex. H, Y, YI, EI, OY tomando o som de I, e essas substituições iniciaram no século I a.C. (em alguns casos ainda mais cedo). Quando esse processo de nivelamento se completou em todo o mundo de fala grega - da Espanha até a Índia - é impossível dizer. Provavelmente foi apenas no início dos séculos cristãos. Mas isso é irrelevante para a presente questão, que se concentra na pronúncia ateniense no período a.C. e sua relação com o grego moderno.

- a primeira evidência para a pronúncia do grego - e buscaram, em vez disso, estabelecer a pronúncia do grego principalmente através da especulação fonética e filologia comparativa.<sup>31</sup> Assim, além do latim, inglês, alemão, francês, norueguês, lituano, húngaro, persa, sânscrito, gótico, eslavo, armênio, etc., todas são usadas no esforço para determinar a pronúncia do grego clássico, mas estranhamente o bizantino e o grego moderno são quase que completamente deixados de fora! Isso, portanto, torna-se virtualmente um caso como o de tentar se estabelecer a pronúncia do inglês de Wyclif ou de Tyndale deixando de lado o inglês moderno e fazendo o uso de todas as outras línguas europeias. Quando o grego moderno é mencionado isso é normalmente para ilustrar sua presumida distância do grego clássico. Essa estranha metodologia é aqui considerada equivocada e carente de rigor científico.

Das quatro áreas de evidência acima, “a” é de pouco valor, pois os antigos nunca ensinaram a pronúncia de várias letras e porque sua representação dos sons de animais não eram fiéis aos sons atuais.<sup>32</sup> “c” - e aqui se trata principalmente de uma questão do latim - é de pouco valor, pois os sons do grego não correspondem aos sons do latim, valores transcricionais são apenas aproximados. “d” pode ser um tanto útil, mas somente quando aplicado para a história interna da evolução dos sons da língua grega, p. ex. do grego antigo para o moderno.

A letra morta das inscrições, tomada por si, não pode dizer

<sup>31</sup> Conforme W. S. Allen, *Vox Graeca. A Guide to the Pronunciation of Classical Greek*, Cambridge 1968. O mesmo deve ser dito de E. H. Sturtevant, *The Pronunciation of Greek and Latin*, Philadelphia 1940<sup>2</sup>.

<sup>32</sup> Os sons dos animais, normalmente deduzidos pelos erasmianos, não são um guia seguro para a pronúncia do grego e não devem ser trazidos para a discussão a menos que sejamos da opinião que os sapos atualmente fazem o som βρεκεκεκεξξ κοάξ κοάξ (Aristophanes, *Ranae*, 210) e que o boi francês muge *mu* (pronúncia-se *mü* < *mugir*). Pode-se perceber facilmente como essa linha de argumentação é autoderrotada a partir da comparação com uma representação do som de animais em várias línguas europeias. De acordo com Aristophanes (*Vespae* 903), o latido dos cachorros é αὖ αὖ. No grego moderno é ἀβ ἀβ ou mais frequentemente γαῦ, γαῦ ou γάβ γάβ (e o verbo é γαυγίζω). Em alemão, entretanto, é *wau wau*, enquanto em sueco isso se torna *vov vov* (pronuncia-se: *voov voov*). Certamente os cachorros fazem o mesmo som em todos os países. Da mesma forma, o gato mia em grego *viá* ou, mas em alemão *miau*, enquanto Shakespeare (*I Henry IV*, 3, 1) representa seu som com *mew*. O argumento melhora com a associação de ὠρύομαι com o rugido dos leões e lobos. Isso implica que Cratinus's βῆ βῆ (veja R. Kassel - C. Austin, *Poetae Comici Graeci* (Berolini et Novi Eboraci: De Gruyter 1983-, Vol. IV) não pode provar a pronúncia de β nem mesmo de η.

nada sobre como os vários sinais eram pronunciados. Nós precisamos de um ponto de referência tanto como parâmetro inicial para o valor de cada letra, e também contra com o qual possamos comparar o fenômeno das inscrições e avaliar seus desenvolvimentos. Esse ponto de referência é (e foi também para Erasmo) a pronúncia corrente da língua grega. Consequentemente, como alguns estudiosos podem discutir a pronúncia do grego antigo ignorando ou deixando de lado as evidências do grego moderno, é algo difícil de entender.<sup>33</sup> Mas para se estar preparado para a tarefa não é suficiente simplesmente citar de segunda mão alguns poucos exemplos do grego moderno.<sup>34</sup> Alguém precisa ser capaz de falar o grego moderno como uma pessoa grega, se ele realmente deseja compreender a fonologia do grego (pelo menos, do grego atual), para apreciar as mudanças fonéticas e as razões para elas e estar, portanto, em uma condição capaz de interpretar os dados corretamente.<sup>35</sup>

Somos deixados, portanto, com as inscrições e com os papiros como o material principal e mais relevante. O ponto de referência é a pronúncia do grego tradicional constituindo a outra ponta do eixo antigo-moderno, dentro do qual a evolução dos sons pode ser propriamente avaliada.

<sup>33</sup> Deste modo, Sturtevant, por exemplo, criou a hipótese com base em evidências que ele elaborou a partir das outras línguas indo-europeias, aparentemente sob a suposição de que o grego deveria ter tido a mesma fonologia. Ele ignorou largamente a evidência dos inscritos e fez um grande número de suposições não provadas. Todo o seu raciocínio, entretanto, é refutado pelas evidências concretas dos inscritos que fazem do seu livro um engano irremediável. Suas conclusões a respeito da mudança dos sons de cada letra erram, na maioria das vezes, por muitos séculos.

<sup>34</sup> Por exemplo, Allen, *Vox Graeca*, p. 19 afirma que τὸν πατέρα é pronunciado no grego moderno como *tombatéra*. A pronúncia normal no grego moderno é *ton patéra*. Entretanto, em uma pronúncia rápida e descuidada o som de *v* antes do *π* é normalmente modificado para *μ* e o som se torna algo entre *tom patéra* e *to mpatéra*. Em grego geralmente *μ + π* são usados para traduzir inglês, alemão, etc. *b*. Em nosso caso, o som *b* pende entre *b* e *p*. Isso é verdade para o grego especialmente do sul da Grécia, incluindo Atenas. No norte da Grécia, contudo, especialmente entre a população originária de Pontus, o *μ + π* tende a assumir um som de *b* mais fino, e áspero. Mas, mesmo assim, eu ainda não ouvi um grego dizendo *tombatéra*. De qualquer forma, essa pronúncia não é representativa. Na p. 67, Allen afirma que o grego moderno representa o balido dos cordeiros com *mee*. Atualmente a forma usada na Grécia é *μπέ*, ou, para reproduzir com mais fidelidade o som, se tornou *μπέεεε*. Eu dou esses exemplos ilustrando a ilusão das expressões sonoras para os não nativos e a impossibilidade de expressá-las de forma precisa no inglês, alemão, etc.

<sup>35</sup> Para uma avaliação bastante fiel da relação do grego moderno com o grego antigo feita por um não grego, veja R. Browning, *Medieval and Modern Greek*, Cambridge 1983<sup>2</sup> rp. 1989.

A pronúncia de cada vogal e ditongo em particular torna-se aparente a partir de sua alternância com uma ou outra testemunha nas inscrições e nos papiros. Essa alternância, esses escritos de uma letra em vez da outra, mostra que duas letras (ou ditongos) em questão soavam de forma idêntica ou similar e que portanto foram confundidos por aqueles que não estavam familiarizados com a ortografia histórica (p. ex. grafia etimológica). Na medida em que nosso interesse se centra no início em vez de no final desse processo, o material dos inscritos torna-se o mais pertinente dos dois.

## 4.2 A pronúncia das vogais e ditongos

1. Nunca há nenhuma dúvida quanto ao fechado, fino som de *i* do I. Esse som deve ser o ponto de referência para determinar o som de outras vogais ou ditongos quando eles são confundidos com ele.

2. EI = I. EI era trocado por I desde o VI e V século a.C., indicando ao mesmo tempo que ele soava monotonicamente, p. ex. como um som apenas, e que ele soava como I, ou como algo muito similar a isso.<sup>36</sup>

<sup>36</sup> Veja p. ex.: Πισίσ[τ]ρατος (*Hesperia* Suppl. 8, 405, século VII a 550 a.C.) para Πεισίστρατος; Ἀ[μ]ινίας (B. Graef-E. Langlotz, *Die antiken Vasen von der Akropolis zu Athen*, I-II, Berlin 1925-33, Vol. II, 1324, início do século VI a.C.) para Ἀμεινίας; Χίρων (*SEG XXXV*, 37, 580-70 a.C.) para Χείρων; Κλιτίας (J. C. Hoppin, *A Handbook of Attic-Red-figured Vases*, I-II, Cambridge 1919, 150, 2, 570 a.C.) para Κλειτίας; Κλιτομένες (J. D. Beazley, *Attic Black-figured Vase-painters*, Oxford, 1956, 167, 550-25 a.C.) para Κλειτομένες; Κλιταρχος (Beazley, *Attic Black-figured Vase-painters*, 174, 1, 550-25 a.C.) para Κλειταρχος; Θάλια (*Corpus Vasorum Antiquorum: Deutschland*, 21, pl. 56, 4, 9-10, 510 a.C.) para Θάλεια; século VI a.C.: Ποτειδάν Ποτεδάν Ποτιδάν, *IGA* 20: 2, 6-9, 12, 16, 19, 21, 23, 24-32; 68, 74-84, 110-114; Ἀφιτρέταν, Ἀφιτρίτα, Ἀνφιτρίτα *IGA* 20, 2, 3, 71-73, 112, 114; Ἀνφιτρίτε *SEG XXXV*, 37, 580-70 a.C.; Τείμαρχος (*IGA* 372, 359) em vez de Τίμαρχος; conforme Homero, *Iliad*, II, 506 e *Odyssey*, VI, 266 Ποσιδήϊον derivado de Ποσειδών (*SEG XXXV*, 37, 580-70 a.C.); também o mês Ποσιδηίων (Anacreon *Lyr.* 6, 540 a.C.), mais tarde Ποσιδεών ou Ποσειδεών; Χίρον (*CIG* IV, 8185 d) em vez de Χείρων. século V a.C.: χειλί[ω]ν (*IGA* 381 c 12, b 15; d 12) em vez de χιλίων; Διοτίμου (Ἄθηναϊον Ε', 419, 10, 1) em vez de Διότιμος (*CIA* 179 e 362 ambos do século V a.C.; *ib.* 433, 460 a.C.; *IGA* 362, século V a.C.); ἀπόκτινεν (*CIA* I, 9, 28) em vez de ἀπόκτεινεν; Σταγίριται (*CIA* I, 230, 450 a.C.; 231, 449 a.C.; 223, 447 a.C.) em vez de Σταγειρίται; novamente Σταγίριται (*CIA* I, 234, 447 a.C.; 339, 441 a.C.); *SEG* V, 35, i, 15 (420/17 a.C.); Χαλκιᾶται (*SEG* V, 6, i, 29, 449/8 a.C.; *CIA* I, 229, 451 a.C.; 263, século V a.C.) em vez de Χαλκειᾶται (230, 450 a.C.; 235, 445 a.C.; 237, 443 a.C.; 239, 439 a.C.; 259, 427 a.C.; 261, 427 a.C.) ou Χαλκεᾶται (256, 428 a.C.); Ἐπαφρόδειτος (*CIA* II, 482, 108, 392 a.C.) em vez de Επαφρόδιτος; Ἀφροδείσιος (*CIA* II 482, 114) e Ἀφροδίσιος (em *ib.* linha 110, 392 a.C.); διερίσματα (*CIA* II, 678 B, 47, 378-367 a.C.) junto com διερέϊσματα (*CIA* II, 651, 4, mesma data); século IV

A troca se tornou muito frequente a partir do V e IV século a.C. O EI também era trocado com H desde o V e IV século a.C.<sup>37</sup> Desde o século VI e VI a.C. EI já assumia ou tendia para o som de “I”, portanto H também tendia na mesma direção. A troca tornou-se frequente em torno de 200 a.C.

3. Y = I. A letra Y (que originalmente era = u, posteriormente talvez ü, embora isso seja incerto) é trocada por I ainda em 600-550 a.C. e especialmente a partir do século V a.C. Se o seu som não é completamente idêntico com o de I em seu estágio anterior, ele era pelo menos próximo o bastante para causar confusão.<sup>38</sup> Isso é corroborado

---

a.C. Μίλιχιω junto com Μείλιχιω (*Bulletin de Corr. Hell.* VII, 507; 509); ὀρίχαλκος (CIA II, 689) para ὀρείχαλκος (CIA II, 751 b 21; 766, 24 f.); ἄρχι (SEG XXIX, 220, 350 a.C.) para ἄρχει?; ἔχισ (SEG XXX, 175, 350-300 a.C.) para ἔχεις; Ποσιδεών (CIA II, 191, b, 5, 320/19 a.C.; SEG XXV, 137, século IV a.C., também SEG XXVIII, 60, 7, 270/69 a.C.); Ἀριστίδου (*Bull. de Corr. Hell.* XII, 254, 14, 332 a.C.) em vez de Ἀριστείδου; Φιδίας (CIA III, Defixionum tabellae 29, 4 e II, séculos IV-III a.C.) for Φειδίας; ἔλλειπι (CIA I, 835, 66, 332 a.C.) lado a lado com ἔλλειπει; Δινίας (SEG XXV, 186, 266/5 a.C.) para Δεινίας (SEG XXXVI, 220, 320 ou 290-280 a.C.); ἀπολέλιπται ἰκόνος (Ἀθήναιον H' v, 294f. século III a.C.) para ἀπολέλειπται εἰκόνος; Πεισίδης (IG II<sup>2</sup> 10080, século IV a.C.) e Πισίδης (IG II<sup>2</sup> 10081, séculos III e II a.C.).

Para Euboea veja p. ex. IGA 372 (séculos VI e V a.C.): 29, 30, 31: Ἀριστοκλίδης junto com 28: Ἀριστοκλείδης; 72: Λεωκρατίδες; 115 Εὐθυνηίδης e 117: Εὐξινίδης; 274, 281: Νεοκλείδης e 275: Νεοκλίδης; 312: Πίριθους (para Πείριθος) 359: Τίμαρχος e 365: Τιμαρχος; 364: Τιμαρχίδης.

Para Boeotia os seguintes exemplos podem ser citados, todos do século V a.C. ou antes: IGA 223: εὐτέλια (para εὐτέλεια); 259: Καλλιγίτον (para Καλλιγεῖτων); 300: [Ἀρ]ιστογίτον (para Ἀριστογεῖτων); Χαρόκλια (para Χαρόκλεια); Αὐτοκράτεια lado a lado com o correto Αὐτοκράτεια (245).

<sup>37</sup> Século V a.C.: Μείλιχος, Μήλιχος Μίλιχος (P. Kretschmer, *Die griechischen Vasenschriften ihrer Sprache nach untersucht*, Gütersloh 1894, 133f, 233); Ἴρις ταχεῖα entendido como Τριήρης ταχεῖα, Aristophanes, *Aves*, 1204 (junto com a questão: Πάραλος ἢ Σαλαμῖνία - as duas embarcações velozes de Atenas. Veja além disso ἀνατεθεικάσι (CIA II, 470, 71 e 80, 69-62 a.C.) junto com ἀνατεθηκότων (CIA II, 403, 38, século III a.C.) ἀνατέθηκεν (CIA II, 835, 35 e 45, (linha 35 ἀνέθηκεν), 320-317 a.C.) e τεθηκότας (CIA II, 1053, 7, século I a.C.); καθήλκον (CIA II, 470, 20, século I a.C.) para καθείλκον.

<sup>38</sup> Veja p. ex. 600-550 a.C.: ΣΥΚΕΥΣΙΝ e ΣΙΓΕΝΕΥΣΙΝ (IGA 492); Διόνσιος (Beazley, *Attic Black-figure Vase-painters*, p. 176, 2, 550-525 a.C.) para Διόνυσος (letras na ordem errada são um fenômeno frequente em inscritos); além disso Λισικλῆς (G. M. A. Richter-L. Hall, *Red-figured Athenian Vases in the Metropolitan Museum of Art*, I-II, New Haven, 1936, 19, 4, 510 a.C.) para Λυσικλῆς; Ηἰποτελε (Beazley, *Attic Black-figured Vase-painters*, p. 668, século VI e V a.C.) para Ηἰποτελε; Ηἰποκίμενος (Beazley, *Attic Black-figured Vase-painters*, p. 668, século VI a V a.C.) para Ηἰποκείμενος; Τύρινθι (*Corpus Vasorum Antiquorum*; Great Britain, 4, III, Ic pl. 8, 2, a-b, século VI-V a.C.) para Τίρυνθι; δάκριον (P. Kretschmer, *Die griechischen Vasenschriften*, 119, 97, século IV-V a.C.) para δάκρυον; Σιγυειῦσιν e Σιγυειῶν (SEG X, 13, 451/50 a.C.). Πίθις (SEG XXXII, 32, 500 a.C.) para Πύθι-; Διονισιγένης (Richter-Hall, p. 72-52, 490-480 a.C.) para Διονυσιγένης. século V a.C.: Διονυσιγένης para Διονυσιγένης; Κρισηίς para Κρυσήϊς; Κρισεύς para Κρυσεύς; Διονίσια para Διονύσια;

posteriormente pelo fato que U é trocado por H<sup>39</sup> e OI (que também começou adquirindo o som de I) ainda no IV século a.C.<sup>40</sup> U é trocado também por EI no I século a.C.<sup>41</sup> O desbaste da pronúncia do Y com relação a I também é confirmado pelo fato que, ainda no período clássico, Y havia perdido seu som original de U, que agora passou a ser expresso por OY.<sup>42</sup>

4. UI = I. O I desse ditongo muito cedo<sup>43</sup> passou a ser absorvido

---

Διόνισος em vez de Διόνυσος e Τύρινθι em vez de Τίρυνθι (P. Kretschmer, *Vasenschriften*, 119, e 64, 90.); Ἀριστονίμο (*Hesperia* XIX, 383, 12, 2; 13 e 16, 2, 483/2 a.C.) para Ἀριστονύμο; Θρασιμέδ[ο]ν (SEG XVI, 23, 11, 465/4 a.C.) para Θρασιμέδον; Λισίστρατος (SEG XVI, 23, 32, 465/4 a.C.) para Λυσίστρατος; Κινδυῆς (CIA I, 37, 425 a.C.; 233, 447 a.C., 240, 440 a.C.) lado a lado com Κυνδυῆς (CIA I, 230, 450 a.C.); SEG III, 131 (400 a.C.) σιβύνη em vez de σιβύνη, συβήνη ou συβίνη; ἤμυσου (CIA II, 17, a, 45, 378 a.C.; 794, d, 58, 356 a.C.; etc. SEG XXI, 527, 30, 363/2 a.C.) e ἤμυσον (CIA II, 1055, 37, 345 a.C.) em vez de ἤμισου (CIA IV, 3, a, 8, 444 a.C.); Ἀμφικτύονες (Ἀμφικτυονικόν SEG XXV, 39, 409/8 a.C.) lado a lado com Ἀμφικτίονες (CIA II, 54, 374 a.C.); Εὐθύδικος (SEG XIX, 149 A col. I, 19, 336/5 a.C.) para Εὐθύδικος (CIA I, 437, século V a.C.); Σίβιλλα (CIA II, 835, 54, 320 a.C.) para Σίβυλλα; Ὑσμῆνα (Kretschmer, *Vasenschriften*, 31, século IV a.C.) para Ἰσμῆνα; Βλέπιρος (CIA III, Defix. tab. 7, século IV-III a.C.) para Βλέπυρος; Σατίρας (CIA III, Defix. tab 39, linha 12, século IV-III a.C.) e Σάτυρα (linha 9); Μύλητον (SEG XXXII, 318, 300-250 a.C.) para Μίλητον; Εὐτυχίς (CIA II, 2935, século III a.C.), para Εὐτυχίς; Μουνυχιών (CIA II, 247, 6, 306 a.C.) para Μουνυχία (-ιών) CIA I, 215, 9, 434-403 a.C.; CIA II, 600, 30, 300 a.C.); Χοίργλος para Χοίριλος (*Bulletin de Correspondance Hellenique*, Athens 1890, 389, 279 a.C.); ἤμυσου para ἤμισου (230 a.C.); κυλίχχιον Κυνθγκῶ para κυλίχχιον Κυνθικῶ (180 a.C.); ἤμυσου (*Greek Pap. in Brit. Mus.* 22, 6-10; 24, 5; 25, 15-7; século II a.C.) para ἤμισου, mas ἤμισου em 46, 24; ἀρχιπερέτην (*Greek Pap. in Brit. Mus.* 41, 121, 158-7 a.C.) junto com ἀρχιπερέτην (em 97); βίβλος, βιβλίον (CIA II, add. I, b, 25, 403 a.C.) e βυβλία, βύβλος, βύβλιοθήκη (CIA II, 468, 25, (início do século I a.C.; 478, d, 1, 68-48 a.C.); Μυνύκιος (Ἐφημερίς Ἀρχαιολογική III, 1884, 100, 73 a.C.) mas Μινύκιος (*Bulletin de Corr. Hell.* VIII, 154, 45 d.C.).

<sup>39</sup> P. ex. Κηθήρ (SEG XVI, 123, 28, 350 a.C.) para Κηθήρ.

<sup>40</sup> P. ex. o jogo de palavras de Callias κέρδος αἰσχύνης ἄμεινον ἔλκε μοιχὸν εἰς μυχόν (metade do século V a.C.). Veja adiante Κοίβων (IG II<sup>2</sup> 1635, 81, 374/3 a.C.) para Κύβων; Ποιθικοῦ (IG II<sup>2</sup> 2407, 5, 350 a.C.) para Πυθικοῦ; Πόπιος em vez de Πύπιος (Dethier, *Sitzungsberichte der Academie zu Wien*, 1859, Vol. 30, p. 431, século III a.C.); φοίλοπις em vez de φύλοπις (século II a.C., veja Δελτίον τῆς Ἐστίας, 591, 24 Abr., 1888, p. 2); ἀνύγετε em vez de ἀνοίγετε, *Louvre Papyrus* 50, 7 (160 a.C.). A troca se tornou bastante frequente a partir do século I d.C.

<sup>41</sup> P. ex. Πειθαγόρα (SEG XXI, 126, 9, 430 a.C.) para Πυθαγόρας.

<sup>42</sup> Também L. Threatte, *The Grammar of Attic Inscriptions*, Vol. I, Berlim 1980, p. 261 e 323, admite que υ havia no período clássico se tornado = y. Esse chegou à minha mão durante a finalização desse estudo. Infelizmente Threatte (como seu predecessor, K. Meisterhans (rev. por E. Schwyzler) *Grammatik der Attischen Inschriften*, Berlim 1900) geralmente explica as evidências anteriores dos inscritos Áticos ortograficamente enquanto as evidências posteriores foneticamente. Não são apresentadas razões válidas para essa inconsistência.

<sup>43</sup> Traços disso aparecem já em Homero, cf. as optativas em *Odyssey*, XX, 286 δύη em vez de δυίη; XIX 248 δαινύατο em vez de δαινυίατο; e *Iliad*, XV, 99 δαίνυται em vez de δαίνυται.

por, ou contraído com o Y, e o ditongo passou a ser pronunciado como um simples Y (veja acima). Esse fenômeno é claramente testemunhado a partir do século V a.C.<sup>44</sup>

5. OI = I. OI é confundido com I mais tardar em 329 a.C.<sup>45</sup> A pronúncia de OI como I é confirmada mais tarde pelo fato que no mesmo escrito (acima, datado de 329 a.C.) OI é intercambiado também com EI (que desde tempos muito antigos adquiriu o som de I)<sup>46</sup>, desde o século V e IV a.C. com Y (veja acima) e pelo menos desde 168 a.C. também com H<sup>47</sup>, ambos os quais passaram a ser confundidos com I. A impossibilidade de se pronunciar os ditongos na *diáresis* (p. ex. cada vogal distintamente) também se torna óbvia a partir de uma palavra como Εὐαοῖοι (veja IGA II0, 2, início do século VI a.C.). Essa palavra, que consiste de sete vogais, pronunciada da maneira de Erasmo, soaria como: “E-u-a-o-i-o-i” - como se fosse um exercício de memorização de vogais. Certamente a pronúncia correta encontra-se entre “Eva-ü-ü” e “Eva-í-í”.

6. H = I. A letra H é alternada com I ainda no século V a.C., no

<sup>44</sup> O exemplo mais antigo detectado até então é Ηιλέθγα (SEG XXXV, 37, 580-70 a.C.) para Ἰλέθγα. Veja também ἀπεληλυθῆας (CIA I, 273, século V a.C.) em vez de ἀπεληλυθυῖας; Ἰλείθγα (CIG 7403) em vez de Εἰλείθγα (CIG 7402); κατεαγῆα (CIA II, 678 B, 65, 378-366 a.C.) em vez de κατεαγυῖα; παρειληφγα (CIA II, 811 c, 150, 326 a.C.) em vez de παρειληφυῖα; Ὠρειθῆα (CIA II, 789, 64, 373 a.C.); 793 d, 7, 357 a.C.) em vez de Ωρειθυῖα; ἐκπεπλευ[κ]γῶν (CIA II, 793 a, 7fl, 357 a.C.) para ἐκπεπλευκυῶν; κωδῆας (CIA II, 701, 1, 68, 70, 344 a.C.) para κωδυῖας; ὄργῆας (CIA II add. 834, b, I, 9, 54, 329 a.C.) para ὄργυῖας.

<sup>45</sup> O exemplo mais antigo é Μῖραι (SEG XXXV, 37, 580-70 a.C.) para Μοῖραι. Veja também περιαιλιφῆν (CIA II, add. 834, b, I, 6Γ Ἐφημ. Ἄρχ. 1883-4 p. 109, 329 a.C.) em vez de περιαιλοιφῆν; da mesma forma SEG XIX, 58, vs. 85 (307/6 a.C.) ἄλιφῆν e SEG III, 147 (289/8 a.C.) τὴν ἀλιφῆν παρα ἀλοιφῆν, e especialmente do século II a.C. em diante (p. ex. συνηκολουθηκότοι em vez de συνηκολουθηκότι, F. G. Kenyon, *Catalogue of Greek Papyri in the British Museum*, p. 9, 13-14).

<sup>46</sup> Conforme δυεῖν (Ἐφ. Ἄρχ. 1883-4 p. 125, linha 73) junto com o correto δυοῖν (p. II9, linha 34, e CIA 834 b II, 42 e 71, e 834 c 73, 329 a.C.). É interessante notar que δυεῖν ocorre em CIA II, 167, 78, 307 a.C.; 281, 5, (no tempo macedônio); 1138, 7, 302 a.C.; 281, 5, c., 300 a.C.; 380, 27, 229 a.C.; 591, 4, antes de 200 a.C.; SEG XXI, 525, 42, 282/1 a.C. e SEG XIX, 80, 25 (data?), enquanto δυοῖν ocorre sempre nos inscritos mais antigos, p. ex. CIA I, 273, f 31, 420-416 a.C.; 312, 409 a.C.; 324, 408 a.C., mas também posteriormente, p. ex. SEG XXV, 65, 336/4 a.C. e SEG XXXIX, 175 Face A col. II, 58, 300/299 a.C. Veja também CIA II, 168 (final do século IV a.C.) Φαληρηῖ (para Φαληροῖ); Περιθειδης (Bull. Corr. Hell. 1890. p. 62, final do século IV a.C.) para Περιθοῖδης; CIA II, 476, 12f., 101 a.C. τοῖς λοιπῆς para τοῖς λοιποῖς. SEG XIX, 129, 2, 352/1 a.C. ἐν τῶι δευτέρωι τοίχωι (também linhas 6 e 17) pode ser um erro para τείχωι.

<sup>47</sup> Até então detectada em papiro, p. ex. Louvre Pap. 55, 11-15 (168 a.C.): ἦνου em vez de οἶνου (3 vezes); *Greek Papyri in Br. Museum*, p. 9, 13-14 (162 a.C.): συνακολουθηκότοι σοι (para -κότι σοι); διοίκησαν (165-158 a.C.).

caso antes de sua aceitação oficial em 403 a.C., novamente confirmando a pronúncia popular de H como I, contrariando a internação original dos teóricos que a adotaram para representar o E posicional (no caso, comprimento técnico).<sup>48</sup> A frequência dessa alternância com I aumenta a partir do século III a.C. no papiro ptolomaico. A troca de H com EI (que era pronunciado com I ainda no século V a.C.) se torna muito frequente a partir de 200 a.C., novamente levando à mesma conclusão.<sup>49</sup> H é alternado também com Y, que também estava

<sup>48</sup> Como exemplos podem servir os seguintes: Διμοσθένης (SEG XIX, 37, século V a.C.) em vez de Δημοσθένης; Ἀθινᾶ (SEG XIX, 37, século V a.C.) para Ἀθηνᾶ; Ἄρις (SEG XIX, 37, século V a.C.) para Ἄρης; Διμοσθένης (SEG XIX, 37, século V a.C.) para Δημοσθένης; Καμηρῆς (CIA I, 228, 12, 452 a.C.) em vez de Καμιρῆς (CIA I, 233, 447 a.C.; 237, 11, 443 a.C.; 239, 52, 441 a.C.; 240, 75, 440 a.C.); Σικινῆται (CIA I, 37, 79, 425 a.C.) em vez de Σικινῖται; Εὐφίβος (Kretschmer, *Vaseninschriften*, 138, século V a.C.) para Εὐφηβος; Πιδασῆς (CIA I, 37, 425 a.C.) em vez de Πηδασῆς (CIA I, 233, 447 a.C.); Ἡπποκράτης (IGA 26, 425 a.C.) para Ἴπποκράτης (CIA I, 273, b 3, 426 a.C.); συβήνη (CIA I, 170, 19, 422-419 a.C.) em vez de συβίνη; também 172, 18 (420 a.C.); novamente Καμηρῆς (CIA I, 263, 9, 420 a.C.) e Καμιρῆς (CIA I, 37, 425 a.C.; 256, 17, 430 a.C.); τίνδε em vez de τήνδε e σίμα em vez de σῆμα (IGA 382, 3-4, século IV a.C. ou anterior); Σικινῆται (CIA I, 37 B, 31, 425 a.C.; II, 17 b, 31, 378 a.C.) para Σικινῖται; Μελισάνδρου (CIA II, 801, 14, 350 a.C.) em vez de Μελισάνδρου; Θυαῖνι (CIA II, 754, 13; 755, 7, 344 a.C.) em vez de Θυαῖνη; θερμαστίν (CIA II, 754, 29, metade do século IV a.C., cf. 755, 21; 756, 8) em vez de θερμαστήν; ὕλιν (CIA II, 1059, 9, 321 a.C.) em vez de ὕλην; ἀμαξίποδα (CIA II, add. 834, c, 42, 329 a.C.) em vez de ἀμαξίποδα; γεισήπους (CIA II, 167, 51, 307 a.C.) em vez de γεισίπους; γεισηπόδισμα (SEG XIX, 58, vs. 63, 307/6 a.C.) e novamente γεισηπόδισμα (CIA II, 167, 63 e 114, 305 a.C.) em vez de γεισιπόδισμα; também γεισήπους para γεισίπους (século III a.C.); ἀρετῖς (CIA II, 258, 16, 304 a.C.) em vez de ἀρετής; τίθη (CIA II, 836, c-k, 43 século III a.C.) em vez de τίτθη (?); Ἡρακλεώτις (CIA II, 2936, século III a.C.) para Ἡρακλεώτης; Ἐπικρατής (CIA II, 3222, século III a.C.) para Ἐπικρατῖς; Διμίτριος (*Bull. de Corr. Hell.*, V, 168, no. 33, século III a.C.) para Δημήτριος; Διώννα (C. Carapanos, *Dodone et ses ruines*, Pl. XXXVI, no. 2 e 5, século III a.C.) em vez de Διώννα; οἰκίας (CIG 1690, 21, século III a.C.) em vez de οἰκίας. As seguintes leituras são todas datadas como anteriores ao período romano: Ἀριμνίστει em vez de Αριμνήστη; Ἡπρωτίς χρηστή em vez de Ηπειρωτίς ou Ἡπρωτίς χρηστή; διανγεῖλαι (Dittenberger, *Sylloge*, 195, 7) em vez de διανγεῖλαι; εἰρώων (Ross, *Inscr. graec. ined.* Fasc. III, p. 15, no. 264) em vez de ἠρώων. Nos papiros egípcios διδασκαλλῶ (*Louvre Pap.* 51, 10, 160 a.C.) em vez de διδασκαλίω, e frequentemente nesses papiros. Veja também XIX, 124, 2 (152/1 a.C.) πέμπτει em vez de πέμπτη. Também: τί (*Louvre Pap.* 15 a, 15, 120 a.C.) para τήν [μίαν]; Αὐριλίας lado a lado com Αυρήλιος (*Mittheilungen des Arch. Instituts*, Berlim, 1876, XIV, 114, 72, 3-6, 120 a.C.) para Αὐρηλία; ψήφισμα (*Mittheilungen*, 110, 66, 120 a.C.) para ψήφισμα; φηλώτα (*Mittheilungen*, 105, 51, 120 a.C.) para φιλώτα. Um exemplo de Selinous, Sicília é: Ἀριστοφάνιος e Ἀριστοφάνιος (SEG XXVI, 1113, final do século VI a.C.).

<sup>49</sup> Para os exemplos citados sobre EI, adicione também τῆ βουλῆι (CIA II, 38, 7, antes de 376 a.C.) em vez de τῆ βουλῆ; χαλκοθήκει (CIA II, 61; 7, 13, 357-353 a.C.) em vez de χαλκοθήκη; ἀγαθῆ τύχει (CIA II, 186, 26, 322 a.C.) em vez de ἀγαθῆ τύχη; ἀφῆκε (CIA II, 811, c, 119) (323 a.C.) em vez de ἀφήκε; Αἰνίου (CIA II, 1049 A 55, 120 a.C.) para Αἰνείου; cf. também Αἰνέας (CIA IV, b, 34, c, 2, 434 a.C.) e Αἰνεῖται (CIA I, 259, 18, 428 a.C.), com Αἰνεᾶται (CIA I, 234, 34, 446-434 a.C.);

tendendo na direção de I.<sup>50</sup> Devido à ortografia histórica (grafia) anterior à adoção do alfabeto jônico, que continuou em uso depois da adoção do alfabeto jônico, H é intercambiado mais frequentemente com E até o período bizantino.<sup>51</sup>

7. HI = I. O ditongo espúrio HI permuta com o ditongo apropriado EI muito frequentemente a partir do período de adoção de H (século V a.C.) até o século I a.C.<sup>52</sup> Desde que o ditongo EI passou a soar monotonicamente (como um simples I), e o H do ditongo espúrio passou a ser a única letra a soar, ficou claro novamente que H e I soavam, nesses casos, de maneira similar, se não idêntica, e conseqüentemente eram confundidos. A crescente substituição de HI por EI pode ser exemplificada pelos nomes tribais Αιγής, Ἐρεχθής e Οἰνής, em que HI prevalece entre 400 a.C., enquanto EI eclipsou completamente HI por volta de 300 a.C.

8. O, OY e Ω. A letra O permuta com OY muito frequentemente a partir do século VI até o século III a.C.<sup>53</sup> Entretanto, é interessante

<sup>50</sup> Ἄρηος πάγος (CIA III, 63, Augustan age; 452; 567, 39 a.C.; 587, II a.C. etc.) em vez de Ἄρειος πάγος; ἔπηκεν (CIA II, 331, 280 a.C.) por ἦτηκεν. Do século IV a.C. em diante EI significa HI com muita frequência (p. ex. SEG XXVI, 93, século III a.C.). Isso pode ser devido a velha grafia histórica, entretanto, desde então a nova grafia com H ocorre com frequência na mesma inscrição (p. ex. SEG XXVIII, 139, 42 (356-340 a.C.): ταύτει παράκειται (também linha 50); SEG XXVIII, 60 (270/69 a.C.): ὁ γδόει, εἴκοστῆι, τῆι βουλῆι, καὶ τῶι δήμωι (!), τῆι Ἀρχιγέτιδι, τῆι θεῶι (!), τῆι δημοκ[ρατί]αι, ἀγαθῆι τύχει, τῆι διοικήσει, τῆι ἀγορᾷ, στήλει λιθί νει) e mesmo a mesma construção (p. ex. CIA II, 38, 2 (380 a.C.): ἐν στήλῃ λιθί νει (também linha 19); CIA II, 61, 7 (357-353 a.C.): ἐν τῆι χαλκοθήκει; CIA II, 114, 4 (343/2 a.C.): ἐν τῆι βουλῆι; SEG XXX, 69 (304/3 a.C.): τῆι Ἀγαθῆι Τύχει), afigura-se que a troca se deva à confusão com relação à pronúncia similar ou idêntica.

<sup>51</sup> Veja p. ex. Κηθήρ (SEG XVI, 123, 28, 350 a.C.) por Κυθήρ.

<sup>52</sup> A razão para isso é provavelmente que por um lado E tinha um som “fechado” em vez de aberto, e por outro lado H ainda não havia se tornado “fino” a ponto de coincidir completamente com I; por um longo tempo H situou-se em algo entre E e I. P. ex. κλης (= κλής) (CIA II, 675, 44, 403 a.C.) e κλεις (CIA II, 675, 47, 403 a.C.; 678, b, 64 (κλες), 378-366 a.C.); ληιστῶν (= ληιστῶν) (Mitteilungen X, p. 57 linha II 346 a.C.) e λειστῶν (CIA II, 804, B, b, 35, 344 a.C.); ληποργιῶν (= λητουργιῶν) (CIA II, add. 554 b, 14, 386 a.C.) e λειπου[ρ]γοῦντες CIA II, 316, II, 282 a.C.; πεντελικούς (Ἐφημ. Ἄρχ. 1886, p. 199ff. linhas 79, 94, início do século IV a.C.; CIA II, 1054, 31, 33, 45, 347 a.C.) e πεντελε[ι]τικούς (Ἐφημ. Ἄρχ. 1886, p. 201f., início do século IV a.C.); Ἀρισθίδης (CIA II, 814 a, B, 22; 864, 29, 400-350 a.C.) e Ἀριστέιδης (CIA II, 814, a, A, 22f., 374 a.C.); Ἀρρινήιδος (= Ἀρρένηιδος) (CIA II, 864, III, 21, 400 a.C.) e Ἀρρενείδης (CIA II add. 834 b, II, 60, 329 a.C.); Ἀρχενήιδος (CIA II, 793, b, 70, 357 a.C.) e Ἀρχενείδου (CIA II, 811, d, 141, 323 a.C.).

<sup>53</sup> Para falso ou (escrito como o) veja p. ex. μισθόντα (Mitteilungen. IX, p. 117, linha 6, 570 a.C.); ἐλθῶσαν (CIA IV, 27, a 13, 445 a.C.); ὑποργοῖς (CIA I, 301, 31, 378 a.C.) por ὑπουργοῖς; [ἐν]οικόντων (CIA II, 17, 17, 378 a.C.) por ἐνοικούντων; ἀποστόλο (CIA II, 809, b 24, 325 a.C.) por ἀποστόλου; ναυστάθμο (CIA II, 809,

notar que ΟΥ, pronunciado distintamente como U, é raramente escrito em vez de O ou Ω. Isso mostra que há pouca distinção entre O e Ω<sup>54</sup>, mas uma clara distinção entre O e Ω por um lado, e ΟΥ de outro. A partir do século III a.C. O e Ω são intercambiados com muita frequência, o que implica que eles se tornaram equivalentes.

9. ΟΙ e ΩΙ. ΟΙ e ΩΙ (no caso, a antiga e a nova grafia com *i-subscriptum*) permutam com frequência.<sup>55</sup>

10. ΑΙ = Ε. O ditongo ΑΙ (ΑΕ) permuta com Ε mesmo antes de 400 a.C. em *Boeotia* (onde o Η jônico tomou o lugar de ΑΙ) revelando o fato que ΑΙ era pronunciado monotonicamente e como Ε.<sup>56</sup> A pronúncia de ΑΙ e Ε em Atenas é provada a partir da adição de *i* ao ditongo<sup>57</sup>, também a partir da confusão de *ai* com *e*.<sup>58</sup>

---

a 220, 325 a.C.) por ναυστάθιμου; e para ου original: βδν (439 a.C.) por βοῡν; novamente βδν (SEG I, 4, 418 a.C.); τὸτο (p. ex. CIA I, 128, 415 a.C.) no lugar de τούτου.

<sup>54</sup> Ο é trocado por Ω com frequência desde as mais antigas aparições no final do século III a.C. (p. ex. em *Attic Vases* do século V-IV a.C.: Δίφιλω̄ς (ao lado de Δίφιλος), Διόνυσο̄ς (por Διόνυσος), Ἀλκίμαχο̄ς (por Ἀλκίμαχος), καλῶ̄ς (por καλός); Λεοντί̄ς (CIA II, add, 17, 4, 378 a.C.; CIA II, 73, 11, 368 a.C.) junto com Λεοντί̄ς (CIA II, 835, 62, 320-317 a.C.), cf. também Λεοντίνοῑς (SEG X, 48, 433/2 a.C.); Σάμιον̄ (por Σάμιον) CIA II, 808 a, 130, 326 a.C.); λιπὸν̄ (por λιπών) (CIA 2836, 6, 300 a.C.); μνημεῖον̄ (Mittheilungen X. 363) por μνημεῖον; τὸν ἔγγονον, παραγγελλέτοσαν̄ (Ἐφημ. Ἄρχ. 1884/85, p. 137, 11, e 14) (por ἔγγονον, παραγγελλέτωσαν); Θεοδοσίᾱ (CIA 3216) por Θεοδοσία; γνόμε̄ (CIA 3580) por γνώμη; Λυσίονῑ (lado a lado com Λυσίονι (Ἐφημ. Ἄρχ. 1886, p. 158, 103; 264; 291); αὐτοῦ̄ por αὐτοῦ (CIA II, 578, 23, 344 a.C.). A quantidade de trocas dessas duas letras nos papiros é incontável.

<sup>55</sup> P. ex. κοιιδίᾱ (por κωμοδία) (século IV a.C.); τδῑ δήμοι (CIA II, 277, 7, 300 a.C.) por τῶ̄ δήμω; τδῑ ἱερῶ̄ (300 a.C.) por τῶ̄ ἱερῶ̄.

<sup>56</sup> Ἀρίστηχο̄ς (cf. IGA 300, século V a.C.?) (por Ἀρίστειχο̄ς, cf. IGA 397 e 398, século V a.C.?), Ἠγοσθενίτης̄ (por Αἰγοσθενίτης), Δημήνετο̄ς (por Δημαίνετο̄ς), Ἠχμων̄ (por Αἰχμων), Φήδιμο̄ς (por Φαίδιμο̄ς), χῆρε̄ (por χαῖρε), ταμίη̄ (por ταμίαι), τίπτομη̄ (por τίπτομαι), κλήω̄ (por κλαίω) Ἀθανῆοῑ (por Ἀθαναῖοι).

<sup>57</sup> Veja p. ex. Ἐλαιῖταῑ (CIA I, 228, 4, 452 a.C.) (pronuncia-se Ele-í-te, não Ela-i-i-ta-i); ἐλαίινος̄ (CIA II, 678, B, 10, 378 a.C.) (pronuncia-se: elé-í-nos, não ela-i-i-nos); Ἀθηναῖκόν̄ (CIA II, 780, 14, 300 a.C.) (p. ex. Athene-í-kón, não Athena-i-i-kon); Ἑρμαικόν̄ (CIA II, 781, 4, 5, 300 a.C.) (p. ex. Erme-í-kón, não [H]erma-i-i-kón).

<sup>58</sup> Veja ΔΙΚΕΑΙΚΕΣ (= Δικεάρκης ?) em *Corp. Vas. Antiq.*: Gr. Brit., Vol. 4, pl. 39, 2 a-b (final do século VI a.C.); Χαῖράιᾱ (W. Klein, *Die griechischen Vasen mit Lieblingsinschriften*, 2. Aufl. Leipzig 1897, no. 38, 530 a.C.); χαῖρε καὶ πίαῑ (J. D. Beazley, *Attic Black-figure Vase-painters and Attic Red-figure Vase-painters*, 2a ed. Oxford 1971, p. 77, 1, 530 a.C.) por πίε (?); μά[ο]με̄ καὶ ποτέο̄ (Hoppin, *Handbook of Attic Red-figured Vases*, 410, 29, final do século VI a.C.); Αριστάιοῡ (IG I Suppl. 491 35, linha 3, 450 a.C.) e linha 1 Ἀριστέας, linha 4 Ἀριστέου; Ἐλέρᾱ (*Corp. Vasor. Antiq.*: Gr. Br. 8, III Ic, pl. 91, 1 a-d (bis), final do século V a.C.) por Ἐλαίρα; Πεδίαρχο̄ς (SEG XXV, 198, século IV a.C.) por Παιδίαρχο̄ς; Πέδαρχ[ο̄ς] (CIA III, Defix. tab. 29, 5, século III a.C.) por Παῖδαρχο̄ς; Πλατεεύς̄ (IG II<sup>2</sup> 10089, século I a.C. -

II. AY, EY e HY. Os ditongos AY, EY e HY retêm a pronúncia de ambas as letras, mas já no século VI a.C. o Y soa como uma consoante: *v* ou *f*: *av* ou *af*, *ev* ou *ef*, e *iv*, ou *if*. Isso é provado sem sombra de dúvida pelo erro dos cortadores de pedras em substituir o F (*digamma*<sup>59</sup>, que corresponde à letra fenícia *waw*, e que possui o som de *v*) no lugar de *u*.<sup>60</sup> Isso é posteriormente confirmado pela transliteração desses ditongos em latim, que usa por exemplo *ev* para *eu*.<sup>61</sup> A afirmação que esse *v* não pode ser confundido por *u* (no caso, *eu*) é feita acima de qualquer dúvida pelo fato que essas palavras também são escritas com um duplo *vv*.<sup>62</sup> Portanto, *Lavinia* se torna Λαῦνα (= Lavna) (Dionysius Halic. I, 70, 2) e não Λάουνα, que deveria ter sido o caso se o som desejado fosse άου, assim como acontece *auctoritas* = άουκτώριτας (Dio Cassius, 55, 3. 4). Isso também é confirmado pelo nome *Paulina*, que é transcrito como Παυλίνα (p. ex. *Pavlina*), embora, quando o som latino é desejado, a palavra se torne Παουλίνα (CIG 6665).

século I d.C.) por Πλαταιεύς; Πεανιεύς (IG II<sup>2</sup> 2297, metade do século I d.C.) por Παιανιεύς; έλάιου (IG II<sup>2</sup> 4786, século I d.C.) por έλέου. Para as ocorrências em papiros, veja p. ex. *Timotheos papyrus* III, 79-80, século IV a.C.: παλεομίσημα por παλαιομίσημα e πα[λ]ε[ο]νυμφαιογόνον por παλαιονυμφαιογόνον. Veja na sequência *Col. Zen.* 39, 6, século III a.C.: τὸ παλίον βαλανείον (παλίον = grego moderno < παλαιόν); [έπίσ]ταμε por έπίσταμαι (PSI 540, 10, século III a.C.); τελέ σεσθαι por τελέσεσθε (*Tebt.* 703, 255, século III a.C.); έσχηκένε por έσχηκέναι (SB 9874, 3, século II a.C.); έπιφέρηται por έπιφέρητε (*Tebt.* 816, 32, 192 a.C.); άνύ γετε (*Louvre Pap.* 50, 7, 168 a.C.) para o passivo άνύγεται; όρώται (*Louvre Pap.* 1, 386, 165 a.C.) por όρώτε; έξεναικείν por έξενεγκείν (*Weil* III, 9, antes de 160 a.C.); παλεοῦ em vez de παλαιοῦ (*UPZ* 94, 8, 159 a.C.); όλιοψυχίσθαι por όλιγοψυχίσθαι, (*UPZ* 78, 10, 159 a.C.); έφαιρ por έφερ (*UPZ* 79, 7, 159 a.C.); σημέαν (*Greek Pap. Brit. Mus.* 38, 23; 39, 45; 40, 66, 158 a.C.) por σημαίαν; είδηται (*Louvre Pap.* 43, 4, 154 a.C.) por είδήτε, etc.

<sup>59</sup> Uma letra arcaica quase que totalmente substituída até o século V a.C. por β ou pela consoante υ.

<sup>60</sup> Séculos VI-V a.C.: ΝαΨπακτίων lado a lado com Ναυπακτίων (IGA 321); έΨθετος (IGA 20, 101) em vez de εΰθετος; άριστέΨοντα (IGA 343, 4) em vez de ά ριστεύοντα; άΨυτοῦ (IGA 409) em vez de αύτοῦ; 'ΑΨλῶνι (em vez de Αύλῶνι); άμοίΨαν (IGA add. 20, 108 a, século VI a.C.) por άμοιβάν; έΨπραγίες (em vez de εΰπραγίες). A pronúncia de *u* como *v* é provada também por ΕΰΨαίοις (IGA 110, 2, início do século VI a.C.); Εΰανδρος lado a lado com Εΰβανδρος (C. Carapanos, *Dodone*, Pl. XXXIV, nr. 3, século IV a.C.); século III a.C.: έΰδομον (CIG 1563) para έβδομον, e έΰδομήκοντα (CIG 1845, 47) para έβδομήκοντα; séculos III-II a.C.: έ πίστεΨσε (Wescher eet Foucart, *Inscriptions recueillies à Delphes*, Paris 1863, no. 403, 5) em vez de έπίστευσε.

<sup>61</sup> P. ex. Evenus (Εΰηνος) *Corpus Inscriptionum Latinarum* (= CIL) V, 1009; Evanthe (Εΰ άνθη, ία) CIL V, 6107; Evangelo (Εΰάγγελος) CIL V, 647; Evodiae (Εΰοδία) CIL III, 2435; Evodus (Εΰοδος) CIL II, 4970; Evelpistus (Εΰέλπιστος) CIL II, 213; Evonetus (Εΰόνητος) CIL II, 1648.

<sup>62</sup> Evvenus (CIL II, 4534), Evvangelo (CIL V, 1200), Evvaristus (CIL V, 8110, 80a), Evvodia (CIL V, 2310), Evvantia (CIL V, 6222) Evvodo (CIL III, 2413), Evvagrio (CIL IV, 1198).

Esses exemplos confirmam a pronúncia de Παῦλος como *Pavlos*, não *Paoulo(u)s*.<sup>63</sup> Em geral, entretanto, o grego procura transliterar nomes estrangeiros seguindo a ortografia histórica o máximo possível, mesmo quando isso se afaste da fidelidade fonética. Assim, *Lord Byron* não é Λόρντ Μπάϊρον, mas Λόρδος Βύρων, ainda que qualquer grego saiba que essa não é a pronúncia correta do nome original. Também há ambivalência de caso a caso. Assim, *Wilson* é Οὐίλσον, mas *Watergate*, e *Woodhouse* se tornam Γουωτεργκαίητ e Γούντχους.

Espera-se que essa evidência tenha deixado claro que a transliteração de outras línguas para o grego e vice-versa não pode levar a conclusões seguras sobre a pronúncia das letras gregas, exceto em termos gerais.<sup>64</sup>

Atualmente na Grécia, a confusão das várias representações do som de ι, no caso ι, η, υ, ει, υι, οι, não é rara entre as pessoas menos educadas. Assim, por exemplo, escrever uma palavra com η ou οι, em vez do correto ι, não implica que a pronúncia dessas palavras em particular são diferentes, mas que sua grafia está incorreta. Exatamente o mesmo fenômeno ocorreu nos tempo antigos e essas grafias incorretas, testemunhadas por inscrições e papiros, mostram para nós a pronúncia atual da língua viva. As mudanças acima de vogais e ditongos mostram claramente que a pronúncia destas letras ainda no século V a.C. havia começado a coincidir com a então chamada pronúncia moderna do grego (veja a tabela acima). Essa pronúncia pode não ter se estabelecido em todos os lugares ao mesmo tempo, mas o processo começou no período clássico, ou antes, e não demorou muito (relativamente) para se estabelecer em todos os lugares, ainda que em um ou dois casos isso tenha levado séculos para se completar (no período bizantino, no caso Η). *O importante não é quando o processo terminou, mas quando ele começou.* Os papiros ptolomaicos do Egito confirmam as conclusões acima para os últimos

<sup>63</sup> De forma similar Aulus, Aurelius se tornou Αὔλος (Avlos), Αὐρήλιος (Avrilios) em vez de Ἄουλο(υ)ς (*Aulo(u)s*) Ἀουρήλιο(υ)ς [*Aurelio(u)s*], e Claudius, Claudia, e Augustus se tornaram Κλαύδιος, Κλαυδία e Αὐγουστος, não Κλαούδιο(υ)ς, Κλαουδία, Ἀούγουστο(υ)ς, que seria possível. De igual modo, também no grego moderno, a forma natural seria Παυλίνα (no caso, *Pavlina*), embora se alguém prefira o som estrangeiro possa escrever Παιουλίνα (= *Paulina*).

<sup>64</sup> O quão certo alguém poderia estar se tivesse que determinar o som inglês para *th* e *w* através da pronúncia alemã das letras, e se ao mesmo tempo tivesse que determinar o som do alemão *v*, *j* e *z* através da pronúncia correspondente das letras em inglês?

três séculos pré-cristãos. Entretanto, os papiros egípcios, tendo sido frequentemente escritos por não gregos, que na sua aproximação da pronúncia dos gregos trouxeram os sons de suas línguas nativas, não podem metodologicamente ser confiáveis a respeito das diretrizes para a correta pronúncia da língua grega.<sup>65</sup>

### 4.3 A pronúncia das consoantes

As consoantes em questão são as *mediae* (sonoras) Β, Γ, Δ, as aspiradas Θ, Φ, Χ, assim como o Ζ. Como pode se esperar, a troca entre consoantes, ao contrário do que ocorre com as vogais, é muita limitada. Por isso, seus sons podem ser determinados principalmente (mas não somente) pelos princípios de silabação, no caso a regra de que essas consoantes constroem sílabas juntas por uma vogal que as segue e isso determina seu som. Confusão nos inscritos também têm seu valor, ao mesmo tempo em que a transcrição do latim também ajuda.

Agora, com relação às aspiradas Θ, Φ e Χ, elas tomam o lugar dos dígrafos mais antigos TH, ΠH e KH. Por consequência, em latim TH, PH e CH foram usados para transcrever esses dígrafos gregos na grafia histórica das palavras. Quando os gregos passaram a usar as monografias Θ, Φ, Χ no lugar dos dígrafos, os romanos não tinham equivalentes para essas letras, com exceção de Φ, e por essa razão o latim F é normalmente transcrito como Φ! Isso é, aliás, confirmado pelo fato que Φ é confundido com o som de *f* dos ditongos au, eu (pronunciados *af*, *ef*), mas não com Π. Caso Φ soasse como ΠH (no caso Π com aspiração), ele seria confundido com Π. Finalmente, o fato que a preposição ἐκ (p. ex. ἐχ Θετταλίας<sup>66</sup>, ἐχ θητῶν<sup>67</sup>, ἐχ φυλῆς<sup>68</sup>, ἐχ Χαλκίδος<sup>69</sup>), que seria impossível de ser pronunciado como ek+h+K+h+αλκίδος, etc. (no caso aspirando o Χ como k+h e o Φ como p+h, que necessitaria voltar à posição original da

<sup>65</sup> Por outro lado, a ignorância histórica e ortográfica dos orientais algumas vezes pode representar de forma mais fiel o som real do que os documentos dos mais estudados atenienses.

<sup>66</sup> CIA II, 222, 5, 9, 322 a.C.

<sup>67</sup> CIA I, 31, B, 9, 444 a.C.

<sup>68</sup> CIA I, 31, A 7, 444 a.C.

<sup>69</sup> Veja p. ex. CIA IV, 27. a 5, 17, 455 a. C.. Também SEG I, 3 (420 a.C.) ἐχ χαλκῶ (= ἐχ χαλκοῦ). Da mesma forma SEG III, 44, (antes de 420 a.C.) linha 5: τὸγ χρυσίον (mudança do ν para γ antes χ) suporta a pronúncia de γ = gh e χ = ch (como loch).

língua depois da pronúncia da primeira aspiração) mostra que não é uma questão de aspiração, e que essas letras eram pronunciadas monotonicamente como *th* (como no inglês “thin”), *ph = fe ch* (como no alemão “Bach” e “Ich” [como é pronunciado no norte da Alemanha]).<sup>70</sup> Θ e Φ haviam assumido apenas esses sons na Beócia já no século V a.C.

Considerações análogas às descritas acima no caso de Β, Γ e Δ levam à conclusão que essas letras, ainda no período ático, soavam como *v, gh* (um som que antes de α, ο, ω e ου, assim como as consoantes β, δ, λ, μ, ν, ρ, χ, é impossível de ser reproduzido em inglês, mas antes de ε, η, ι e υ é = *y* em “yet” ou em alemão “j”) e *th* (como no inglês “then”), embora pareça que em algumas posições (no caso, depois de uma consoante nasal) eles possam ter tido o som de *b, g, e d*, como é hoje, especialmente no grego inculto, assim como o duplo ΓΓ e ΓΚ: ἄγγελος (= *agelos*) e ἐγκλισις (= *eglisiss*). A pronúncia de Β, Γ, Δ como *v, gh, e th* (como no inglês “then”) se torna clara a partir das seguintes considerações:

1. Ο κ da preposição ἐκ antes de Β, Γ e Δ assim como antes de Λ, Μ e Ν é normalmente modificado por Γ por razões eufônicas.<sup>71</sup>

<sup>70</sup> A pronúncia de palavras como συμφθείρω, ἦρχθην, ἠλέγχθην na forma erasmiana, no caso, συμ-p+h+t+h-ε-ίρω, ἦρ-k-h-t-h-ην, ἠλέ-γ-k+h+t+h-ην, são fisiologicamente impossíveis na velocidade normal, não apenas para os gregos, mas em qualquer língua. Exemplos como *uphill, hothouse* e *blockhead* não são paralelos, uma vez que p-h, t-h, e k-h pertencem a duas sílabas diferentes e mesmo palavras, e além do mais não contem duas aspirações consecutivas.

<sup>71</sup> Antes de Β: ἐγ Βυξαντίου (CIA I, 40, 35, 444 a.C.); ἐγβολῆς (Ἀθήναιον Vol. II, p. 484, 15, 300 a.C.) para ἐκβολῆς; ἐγ βουλῆς (Bull de Corres Hell., VIII, p. 197, linha 67, 71, 83; p. 198, linha 1, 3, 329 a.C.) por ἐκ βουλῆς; ἐγ Βεν[δ]ιδέων (CIA II, 741, A, a, 22, 334 a.C.); Antes de Γ: ἐγγονός (CIA I, 381, século V a.C.) por ἐκγονός, assim como ἐγ Γαργηττίων (CIA III, 1640, 2, Imperial times). Antes de Δ: ἐγδῶ (CIA IV, I, a, 31, antes de 450 a.C.); ἐγ Διός (CIA IV, b, 53, a, 34, 418 a.C.); ἐγ Διονυσίων (CIA II, 741, A, a, 7, 16, 334 a.C.); ἐγ δέ (CIA II, 836, ab, 11, 320-295 a.C.) por ἐκ δέ; ἐγ Δελφῶν (CIA IV, b, 27, b, 5, 26, 439 a.C.) por ἐκ Δελφῶν; ἐγ Δήλου (CIA II, 813, a, 3, antes de 400 a.C.). Antes de Λ: ἐγ Λίνδου (CIA I, 239, ii, 59, 441 a.C.) por ἐκ Λίνδου; ἐγλέγειν (por ἐκλέγειν), ἐγλεχθῆ (por ἐκλεχθῆ) etc. (CIA IV, b, 27, b, 8, 16, 439 a.C.); ἐγ Λεοντίνων (CIA IV, 33, a, 1, 322 a.C.); ἐγλέξοντες (CIA I, 38, g, 22, 432 a.C.); ἐγ Λέσβου (CIA I, 170, 19, 421 a.C.); ἐγ Λέσβο (SEG III, 131, 400 a.C.); ἐγ λιμένος (CIA II, 1078, 4, séculos V-IV a.C.). Antes de Μ: ἐγ Μακεδονίας (CIA IV, b, 35, c, 440-432 a.C.); ἐγ Μυρίνης (CIA I, 443, 1, 430 a.C.); ἐγ Μυρρίνου ττης (CIA II, 872, iii, 22, 341 a.C.) por ἐκ Μυρρίνουττης; ἐγ Μεγάρων (CIA II, add. 834, c, 28, 329 a.C.). Antes de Ν: ἐγ νήσων (CIA II, 62, 16, 357 a.C.); ἐγ νεωρίων (CIA II, add. 834, c, 12, 329 a.C.). Todos esses exemplos assim como a troca do γ com ο κ (p. ex. γναφεῖον (CIA II, 817, a, 28, século VI a.C., cf. κναφεύς, CIA IV, 373, f, século IV a.C.), Γνίφωνος (CIA II, 671, 7, 376 a.C.) e SEG XXIV, 165, 7, século IV a.C.), cf. Κνίφων (CIA IV, b, 446, a, 18, 409 a.C.); ἀγροπόλει (CIA II, 272, 11, final do século IV a.C.) em vez de ἀκροπόλει indica que γ era pronunciado como *gh* e que β

Essa circunstância claramente suporta o som de *gh* em vez de *g*.

2. A pronúncia de β como *v* é, em adição ao exposto, nascida também da confusão dessa letra como *ou* dos ditongos *au*, *eu*, *ηu*, que já foram tratados (acima).<sup>72</sup> Além disso, o β substitui quase sempre o *F* (digamma), que soava como *v*. Ademais, a LXX transliterou com essa letra a palavra hebraica *waw*: p. ex. Δαβίδ, Ἰεχοβά.<sup>73</sup> Finalmente, o latim *U* ou *V* é normalmente transliterado com a letra β em grego, p. ex. Βεργίλιος (Vergilius), Βαλέριος (Valerius), Βατίνιος (Vatinius), Βενύσια (Venusia), Βεντίδιοι (Ventidius), Βαλεντία (Valentia), Βέσβιος (Vesuvius), Βιέννα (Vienna), Βινίκιος (Vinicius), e Βονώνης (Vonones). A transliteração do grego *B* com o latim *B* e vice-versa deve-se à grafia histórica.<sup>74</sup> Além de que a transliteração frequente do latim *U* (*V*) com *ou* [p. ex. Οὐεργίλιος (Vergilius), Οὐεσπασιανός (Vespasianus), Οὐτέλλιος (Vittelius), Οὐάρρων (Varro)] indica que quando o latim *U* (*V*) é traduzido pela letra grega *B* o som da última não é *b*, mas *v*, p. ex. não Bergilios, mas Verghilios, conseqüentemente ela também pode ser escrita *OUerghílios*.

3. Com relação a Δ, além do que já foi exposto acima, pode ser destacado que μηθείς, μηθέν, μηθενός, οὐθείς, οὐθέν, οὐθενός, etc. ocorrem desde 378 a.C. ao lado das formas antigas μηδείς, μηδέν, οὐδείς, οὐδέν, etc. De 300 a.C. a 60 a.C. elas dominaram e a partir desse período as formas antigas retornaram. O fato que δ não se torna τ, mostra que o som de δ estava perto do que soava θ e não

---

e δ tinham sons de *v* e *th* (como em “then”) respectivamente. Quanto ao som de *y* do γ, Isso é confirmado através de exemplos como ὀλίος em vez de ὀλίγος, ἐπιταή em vez de ἐπιταγή (cf. também o mais tardio Τραγειανοῦ para Τραειανοῦ, *Ägyptisch Urkunden aus den königlichen Museen zu Berlin*, 68), que dificilmente teria sido possível se γ soasse como *g*, mas são totalmente explicáveis a partir da pronúncia grega do γ.

<sup>72</sup> Assim, em Εὔβανδρος, como a forma de Εὔανδρος mostra, o *B* não pode ter sido pronunciado como o inglês *B*, no caso, Evbandros, mas como *V*; Evvandhros (*dh* = like *th* e *then*). Uma assimilação semelhante ocorre também em Εὔβοια, no caso, Evvua (Evvia), não Evboia.

<sup>73</sup> Veja também Αὐα/ (4 Kingd. 19:13); Αὐίμ / Αὐείμ (Josh 18:23); Εὔα (Gen 4:1); Εὐί (Josh 13:21); Εὐιλά (Gen 10:7); Λεví (Gen 29:34); Λεβιάθαν (Aquila, Symmachus: Job 3:8); Ῥαγαῦ (Gen 11:19); Νινευή (Gen 10:11); Σαυή (Gen 14:6). O fato que o *v* teve o som de *v* em todos esses casos é provado pelo original hebraico *waw*, assim como pelas grafias alternativas, p. ex. Δαυίδ / Δαβίδ, Λεβιάθαν, Σαβύ (Cod. Sinaiticus). É natural que o hebraico *beth* seja também transliterado com o grego β sendo que eles são equivalentes próximos. Deve-se, entretanto, lembrar que *beth* era pronunciado de ambas as formas, como *b* e como *v*.

<sup>74</sup> P. ex. Βάκχος > Bacchus, Βακχυλίδης > Bacchylides, Βάκτρα > Bactra e barbatus > Βαρβάτος, Barcino (Barcelona) > Βαρκελώννα, Burrus > Βούρρος, e Brutus > Βρούτος.

soava como d. Δ é intercambiado com Β, p. ex. Δελφός - Βελφός, ὀβελός - ὀδελός, que novamente exclui o som de *d*. Também ἔβδομος e ὄγδοος falam contra o som de *d*; é fisiologicamente mais fácil pronunciar *evthomos* (ou *evdthomos*) do que *[h]ebdomos* (e sabemos que as várias modificações na grafia - contração, elisão, crase, anulação do hiato, etc. - foram realizadas para alcançar uma pronúncia suave, fácil e de bom som. Agora o som de uma palavra como ἐκγδημία<sup>75</sup> como *ekgdemia* (no caso com três paradas conseguidas *k-g-d*) é praticamente impossível.<sup>76</sup> Aqui é necessário ter em mente que o grego, basicamente uma linguagem polissilábica e amante das vogais, evita a concentração desnecessária de consoantes que dificultam a pronúncia como é tão característico no alemão, p. ex. *Nietzsche* e em outras palavras com seis ou mesmo sete consoantes consecutivas.<sup>77</sup> A pronúncia do grego não pode ser determinada por aquilo que é possível ou aceitável em outras línguas.

Finalmente, a letra Ζ, como mostra sua frequente substituição por Σ antes de Β, Γ e Δ, etc.<sup>78</sup>, tinha um som de σ como no inglês *s* ou *z* em “rose” e “zebra” respectivamente, não o som erasmiano *dz* (*ds*) ou *zd* (*sd*). O mesmo é mostrado pelos erros de grafia Σεῦς (= Ζεῦς, 340 a.C.); Βυσζάντιοι<sup>79</sup>, em vez de Βυζάντιοι; ἐπεψήφισζεν e συναγωνισζόμενος em vez de ἐπεψήφισεν e συναγωνιζόμενος.<sup>80</sup> Em Elis, Δ é com frequência substituído por Ζ.<sup>81</sup> O fato dessa tendência também ter acontecido em Atenas pode ser deduzido a partir de Platão, *Cratylus*, 418: “νῦν δὲ ἀντὶ... τοῦ ... δέλτα ζήτα (μεταστρέφουσιν)”. O fato da pronúncia de ζ como *z* ser clássica é mostrado por Ἄξειοί, Ἄξειῆς<sup>82</sup> e Αζξειοί<sup>83</sup>, bem como por Βυζάντιοι<sup>84</sup> e Βυζζάντιοι.<sup>85</sup>

<sup>75</sup> W. Dittenberger, *Sylloge Inscriptionum Graecarum*, Lipsiae 1915-24, 200, 12 (196 a.C.)

<sup>76</sup> O som de γ (*gh*) e δ (*dh*), pronunciado pelos gregos, facilita a pronúncia.

<sup>77</sup> Cf. p. ex. Blitzschlag, Bisamtorchschnabelkraut, Durchschrift, Dirnd[e]lschürze.

<sup>78</sup> No caso, πρεζβευτοῦ (em vez de πρεσβευτοῦ), ζυύρνα (em vez de Συύρνα), ἀναβαζμούς (em vez de ἀναβασμούς), Πελαζγικόν (em vez de Πελασγικόν) (século IV a.C.), veja M. Ph. Le Bas, et al., *Voyage archéologique en Grèce et en Asie Mineure*, II (Paris 1888), 122).

<sup>79</sup> Ἀθήναιοι, Vol. III, p. 480, linha 20, 346 a.C.

<sup>80</sup> CIA II, 325, a, 5, antes de 268 a.C.

<sup>81</sup> P. ex. IGA II2 (século I a.C. ou antes): ζέ (= δέ), ζίκαια (= δίκαια), ζέκα (= δέκα), ζί (= Δί), Ἑλλανοζίκας (= Ἑλλανοδίκας, perceba a ausência da aspiração), ζαμιουργία (= δαμιουργία), ζίφυιον (= δίφυιον).

<sup>82</sup> CIA I, 228, 5, b, 454 a.C.

<sup>83</sup> CIA I, 238, 12, 442 a.C.

<sup>84</sup> CIA I, 231, 22, 449 a.C.

<sup>85</sup> CIA I, 230, 10 b, 450 a.C.

O fato de ζ em todos esses casos não poder ser pronunciado como dz ou zd é mostrado pelo som resultante das palavras, que é impossível de se pronunciar: A-zd-zd-e-i-o-i e Bu-zd-zd-a-nti-o-i. Sem dúvida os gregos as pronunciavam como A(z)ziü (mais tarde A(z)zií) e Bü(z)zantiü (mais tarde By(z)zántii) respectivamente.<sup>86</sup>

## 5. ACENTOS, ASPIRAÇÕES, ETC. (MÉTRICA)

Embora um reduzido uso de leituras de ajuda rudimentares tenha sido feito ainda no século V a.C., o sistema tradicional de marcas métricas é uma invenção alexandrina (século III a.C.). Nos período helenístico o número dessas marcas era dez: αἱ δέκα προσωδίαι. Elas eram de quatro tipos: pausas, símbolos quantitativos, acentos e aspirações.

1. *Pausas*. As pausas eram a *vírgula* (ὑποστιγμή), o ponto (τελεία) e *dois pontos* (μέση στιγμή). (O ponto de interrogação (;) foi adicionado no século IX d.C.). Essas pausas normalmente não estavam presentes nos inscritos e nos papiros antigos, uma vez que esses textos eram escritos em *scriptio continua*.

2. *Símbolos quantitativos*. Os versos em grego eram baseados em “quantidade”, que era indicada por símbolos - (longo) e (curto).<sup>87</sup> A quantidade é alcançada por um pulso rítmico. Isso foi fisicamente representado pelo baixar do pé (θέσις ου βάσις τοῦ ποδός), que simbolizava o acento e assim a sílaba mais longa, e o levantar do pé

<sup>86</sup> Não deve ser negligenciado que a natureza polissilábica do grego é responsável pela relativa pobreza na sua vocalização. Para nos limitarmos de maneira grosseira aos últimos 2000 anos, a língua grega tem tido cinco sons de vogais: a, e, i, o, u, claras e bem distintas umas das outras. Isso contrasta com outras línguas europeias, que tendem a ser mais monossilábicas, com larga concentração de consoantes, e que, portanto, têm uma maior necessidade de diferenciação vocálica, uma vez que a grande variação de ambos, o comprimento e a qualidade das vogais (p. ex. o alemão ä, ü, ö, o francês é, è, u; o holandês aa, oo, oe, ou, eu, ui, ij; o sueco å, ä, ö, y), que não possuem equivalente no grego. As mudanças do grego arcaico que ocorreram no período clássico, monotonizando os ditongos, nivelando as vogais do tipo i (ει, η, ου, υ), aplicando crases, elisões, etc. ao mesmo tempo em que eles completavam seu alfabeto, indica que os gregos estavam procurando aperfeiçoar seu meio linguístico. É significativo que uma vez que essas mudanças fundamentais estavam escritas, ambos, alfabeto e fonologia tenham permanecido inalterados desde então. Assim a possibilidade de Homero ser recitado no período do grego clássico grego é comprovada pelo fato de ele ser recitado no grego moderno.

<sup>87</sup> Essas marcas aparentemente passaram a ser usadas depois de 403 a.C. (cf. Aristóteles, *Poética*, 26, 3, e na *Anecdota Graeca* de I. Bekker, III, 780) e são encontradas p. ex. em Harris *Iliad*, século I a.C.

(ἄρσις τοῦ ποδός), que simbolizava o abrandamento da ênfase, e, portanto, uma sílaba mais curta.<sup>88</sup> Por isso, a unidade métrica básica é chamada πούς. Assim, se uma sílaba era colocada em uma posição “acentuada” pelo pé, ela era considerada *longa por posição* (θέσει μακρά); se estava em uma posição não acentuada, ela era considerada *curta* (ἄρσει βραχεῖα). Pareceria, portanto, que as vogais em si não seriam nem “longas” ou “curtas”, mas *isócronas* - como no grego moderno. A situação se tornou complicada com a adoção de Η e Ω. As sílabas contendo essas letras foram consideradas *naturalmente longas* (φύσει μακραί); conseqüentemente as sílabas contendo qualquer uma dessas vogais, dependendo de sua posição na métrica, eram consideradas μακραί, βραχεῖαι ou δίχρονοι, no caso longa, curta, ou variável.

Os comentários e especulações dos gramáticos alexandrinos (Dionysius Thrax, Apollonius Dyscolus, ou Herodian) e outros (Dionysius Halicarnasseus) levam à conclusão que as características quantitativas deixaram de ser usadas ainda no século III a.C. O seu uso por versificadores posteriores (como Apollonius Rhodius, Aratus, Callimachus, Menander, Theocritus, entre outros) seria visto como uma questão de tradição, como também foi com os bizantinos (Nonnos, Musaeus Grammaticus). Além disso, o uso em Homero e nos inscitos mais antigos de Ε e Ο para o que mais tarde seria expresso por ΕΙ, Η, ΟΥ, e Ω - ο κατ' ἔξοχήν letras com som “longo”, - seu tratamento de vogais longas e ditongos como se eles fossem curtos e vice-versa, assim como outros fenômenos, indicariam que as características quantitativas ainda no período arcaico não eram intrínsecas a certas vogais, mas devem sua *raison d'être* à posição e ao acento. A alma do verso era de acordo com o ritmo, e isso era indicado pela subida ou descida do acento *como ênfase*, a subida indicada pelo acento agudo, e a descida pelo acento grave.

3. *Acentos*. Uma vez que o acento *como ênfase* é parte integrante de toda língua, sua existência no grego deve ser mais antiga que a própria linguagem. Embora o acento não tenha sido indicado por nenhuma marca nos trabalhos arcaicos, inscrições e nos papiros

<sup>88</sup> Mais tarde, quando se tornou padrão o uso da mão além do pé, o levantar da mão (ἄρσις χειρός) passou a simbolizar a batida ou ictus, enquanto o baixar da mão (θέσις χειρός) simbolizava a queda ou ausência de batida ou ictus. Esse significado inverso passou para a terminologia moderna.

antigos, ele foi pressuposto. Portanto, os antigos, sem escrever os acentos, podiam distinguir no caso entre Γλαῦκος<sup>89</sup> e γλαυκός<sup>90</sup>, Ξάνθος<sup>91</sup> e ξανθός<sup>92</sup>, ὄρος<sup>93</sup> e ὀρός<sup>94</sup>, οὐ e οὗ<sup>95</sup>, Platão falou de Δίφιλος (< Διὶ φίλος) em que o original φί perdeu seu ὀξεῖα (acento agudo) e em sua forma composta recebeu um βαρεῖα (acento grave), no caso se tornando não acentuado<sup>96</sup>, embora a introdução de tais marcas fosse recente no período de Aristóteles<sup>97</sup> - ainda que alguns dos acentos atribuídos a Glaucus<sup>98</sup> (século V a.C.) possam ter sido escritos em vez de meramente acústicos.

Cada sílaba de uma palavra grega é acentuada. Entretanto, palavras polissilábicas dão ênfase em uma e apenas uma das sílabas em relação às outras. Esse acento dominante (ênfase) é chamado *agudo* (ὀξεῖα) e é indicado pela marca ( ´ ), enquanto todas as outras sílabas recebem a marca de grave ( ` ) (βαρεῖα): p. ex. κατὰξιώθεντες.<sup>99</sup> A terceira marca que surgiu foi o acento circunflexo ( ˆ ) (περισπωμένη) colocado em vogais contraídas e explicado como uma combinação do agudo com o grave ( ^ ), isto é, a percussão ou estresse e a ausência de duas vogais contínuas antes da contração: p. ex. νόος > νοῦς. Entretanto, a forma do circunflexo apenas indica que trata-se do resultado de uma contração de duas vogais, uma ὀξυνόμενον e outra βαρυνόμενον, mas não há elevação ou queda no tom da pronúncia - uma impossibilidade no discurso real, - uma vez que a contração ocorreu não há senão apenas uma posição na boca e um acento dominante, o agudo.<sup>100</sup> Isso é confirmado também pelo fato que nas regras que governam a acentuação, o circunflexo funciona exatamente como o agudo: conforme ἐκ τῆς γῆς ἐστὶν com ἀληθῆς ἐστὶν.

<sup>89</sup> Homero, *Iliad*, VII, 118.

<sup>90</sup> Homero, *Iliad*, XVI, 34 (γλαυκή, masc. pressuposto); Platão, *Timaeus*, 68 c.

<sup>91</sup> Homero, *Iliad*, XX, 74.

<sup>92</sup> Platão, *Timaeus*, 68, b.

<sup>93</sup> Homero, *Odyssey*, XIX, 432.

<sup>94</sup> Homero, *Odyssey*, XVII, 225.

<sup>95</sup> Aristóteles, *Sophistici Elenchi*, 166 b, 3-6, 177b, 35-178a.

<sup>96</sup> *Cratylus*, 399 a-b.

<sup>97</sup> *Sophistici Elenchi*, 177b 6 ἤδη παράσημα ποιούντες.

<sup>98</sup> Varro, IV, 530:

<sup>99</sup> Mais tarde essa prática foi descontinuada ἵνα μὴ καταχαράσσωνται τὰ βιβλία, Sch. Dionysius Thrax 139 h.

<sup>100</sup> A citação de “really!” contra a contenção acima erra o alvo. Mesmo que “really!” realmente soasse da maneira alegada, não se trata de um adverbio expressando espanto. Podemos mesmo crer que os gregos pronunciavam todas as palavras com acento circunflexo como palavras expressando espanto?

Há dois pontos importantes a respeito da acentuação grega que a tornam diferente da acentuação no inglês ou no alemão. No inglês e no alemão a ênfase da sílaba acentuada é mais forte do que na sílaba grega correspondente. No inglês, por exemplo, a sílaba com ênfase tende a ofuscar as sílabas não acentuadas, e algumas sílabas não acentuadas são de fato engolidas na fala rápida (o mesmo acontece com o francês). Daí também a grande gradação no comprimento das vogais. O idioma grego, por outro lado, pronuncia as sílabas de forma distinta e isócrona com uma das sílabas tendo uma ênfase um pouco mais dominante e sendo, portanto, ligeiramente mais longa que as demais devido à percussão, mas ela nunca é enfatizada a ponto de absorver nenhuma das outras sílabas.

O segundo ponto é a regra da trissilabotonia. Ao contrário, por exemplo, do inglês e do alemão, em que o acento pode recair antes da antepenúltima (inglês: *des'-ti-tute-ness*; *des'-spi-ca-ble-ness*; alemão: *Wie'-der-seh-en*; *voll'-au-to-ma-tisch*; *Be-klei'-dungs-vor-schri-f-ten*), tanto que algumas vezes um segundo acento se torna necessário (aqui indicado por “”) (inglês: *cir''-cum-lo-cu'-tion*; *tet'-ra-darch''-y*; *des''-pi-ca-bil'-i-ty*; alemão: *Wind'-schutz-schei''-be*; *Frau''-en-eman-ci-pa-tion'*) o acento grego nunca pode vir antes da antepenúltima, p. ex.: *καταγινωσκομένους*, *γραμματοδιδάσκαλος*, *χοροδιδασκάλους*, *πιπράσκεσθαι*, *ἑβδομηκοντακαιεκατονταπλασίων* (Proclus, *Hypotyposis* 4, 104) e *ννεακαιεικοσικαιεπτακοσιοπλασιάκις* (Plato, *Republica* 587 e), e mesmo a palavra de brincadeira de Aristophanes' (*Ecclesiazusai* 1169-75, que consiste de 169 letras (in gen. 171), não possui senão um acento apenas! - na penúltima sílaba.

É normalmente aceito que o grego antigo possuía o acento musical compassado, não um acento de ênfase, como se os gregos sempre cantassem e nunca usassem da fala normal. Essa suposição não está livre de sérias dificuldades, mas nenhuma discussão adequada pode ser feita dentro dos limites do papel. Basta pontuar o seguinte: 1) A ênfase necessária não substitui o compasso, e de fato o compasso não é conceptível sem a ênfase. 2) Todas as línguas indo-européias são baseadas no acento de ênfase. Em sueco, por exemplo, que é a mais “musical” das línguas escandinavas, o acento de ênfase é claro e importante. Se o grego fosse diferente com relação a isso, teria sido único. 3) Uma vez que a musicalidade estava construída sobre apenas

uma sílaba (a sílaba acentuada), isso deveria ser negado a todas as outras; como então poderia a língua grega ser musical? 4) se o acento era essencialmente musical, por que ele foi então desconsiderado pela métrica, que escolhe suas próprias sílabas - muitas vezes não acentuadas - para expressar a subida? 5) havia alguma relação entre a quantidade e o acento? Temos visto que antes do período de contração não havia nenhuma “quantidade natural”; sílabas eram naturalmente curtas ou longas de acordo com a posição. 6) A métrica grega portanto deve ter sido baseada no ritmo, que consiste em *thesis* (ícto) e *arsis* (queda) representada pelo agudo e grave, o único *προσῳδίαι* conhecido nos tempos antigos. 7) O princípio da trissilabotonia implica em um *acento expiatório de ênfase*. Uma vez que o acento grego carece da intensidade, p. ex. do acento do inglês ou do alemão, ele presta-se prontamente para o tratamento necessário à métrica.

Entretanto, independente da situação nos períodos arcaico e clássico, é prontamente admitido pelos erasmianos que a acentuação de quantidade e musical tenham, no período pós-clássico, dado lugar ao acento de ênfase. O canto havia aparentemente cessado. A questão aqui não é tanto se no primeiro século cristão o acento era de ênfase, o que é admitido por praticamente todos, mas o quanto antes no período pré-cristão esse acento de ênfase iniciou?

É desnecessário afirmar que o desaparecimento dos símbolos quantitativos e a ênfase no (erasmianos diriam, a emergência do) acento de ênfase andam de mãos dadas. A partir dos comentários dos gramáticos alexandrinos entendemos que os símbolos quantitativos eram uma questão do passado. Mas de quanto tempo passado? Nós vimos acima que os símbolos quantitativos começaram a desaparecer com a redução dos ditongos para pronúncias monotônicas. Uma vez que esse processo iniciou no século V a.C., os símbolos quantitativos passaram a estar “sob fogo” já naquele tempo. Esse desinteresse com a quantidade contradiz a tese dos erasmianos de que Η e Ω foram adotadas para expressar vogais longas que antes não eram expressadas. Ao contrário, isso suporta a tese, acima, que elas foram adotadas como marcas compensatórias para indicar comprimento técnico, e que elas não foram usadas para valores pré-existentes até então não expressados. Nenhum som não expressado pode ter existência objetiva em nenhuma linguagem! De qualquer maneira, o

processo para a redução dos símbolos quantitativos foi um processo demorado, mas que já estava praticamente completo nos tempos de Jesus. O acento de ênfase, portanto, entrou em proeminência muito antes daquele tempo. Agora, visto que é o acento que dá a cada palavra sua individualidade e integridade, fixando os sons das várias sílabas em uma relação harmoniosa entre si para constituir um todo - e um todo único - do tipo que não há outro, a pronúncia das palavras gregas da maneira não diferenciada dos erasmianos como uma corrente de sons não relacionadas destrói o pulso vivo da língua, o que a torna uma entidade viva, que fala e apela ao leitor ou ao ouvinte, desafiando-o a entender e a responder. O acento de ênfase, que se supõe ter surgido no início da nossa era, tem desde então mantido a linguagem sob seu “punho de ferro”; suas regras e princípios continuam inalterados no grego moderno. Se o acento tivesse sido um capricho do tempo, um incidente no desenvolvimento da linguagem, ele teria se mantido inalterado, digamos, por 2000 anos? Essa tenacidade do acento grego encontra uma explicação satisfatória somente no fato de ele ter sido parte integral da linguagem; desde o início (não apenas a partir do século I a.C.) ele fez parte integrante da língua, dando a ela significado e ritmo.

4. *Aspirações.* A aspiração forte e a aspiração branda juntas com outras prosódias e foram, de acordo com a tradição, criadas pelo gramático alexandrino, Aristophanes de Byzantium (século III a.C.), através da divisão do H em duas metades (a metade esquerda indicando a aspiração forte e a metade direita a aspiração branda). Os alexandrinos usaram a aspiração nas palavras que deveriam originalmente ter a aspiração e esse padrão foi aplicado em meados do século VII d.C. No século XI d.C. as aspirações alcançaram suas formas atuais.

Em relação aos tempos antigos a situação era a seguinte: Em muitos inscitos representando os dialetos menores, o sinal H ocorria como uma espécie de aspiração. Entretanto, nos dialetos principais, jônico, eólico, e na maior parte do dórico, não havia nada de aspiração.<sup>101</sup> O ático, que é crucial para a questão em consideração, é, durante o período anterior a 403 a.C., muito ambivalente. O H é muitas vezes

<sup>101</sup> Para Elis veja SEG I, 94 (século VII a.C.): ὨΨΕΛΪΔΑΙ ΑΝΈΘΕΝ ΕΞ ΗΡΑΚΛΈΙΑΣ.

ausente<sup>102</sup>, mais frequentemente ele é presente<sup>103</sup>, mas nem sempre posicionado corretamente. Por exemplo, em CIA I, 324 (408 a.C.) o H é posicionado na frente de muitas vogais iniciais independente se a palavra é realmente aspirada ou não<sup>104</sup>, e novamente em CIA IV, b, 53, a, (418 a.C.) o H é ausente de todas as vogais iniciais exceto da palavra *ἱερός* (quatro vezes). A mesma palavra ou semelhante frequentemente ocorre ambos com e sem aspiração<sup>105</sup>, e isso se aplica também para o caso de interaspiração.<sup>106</sup>

<sup>102</sup> P. ex. *ἀλιεῦσι* (CIA I, 433, 3, 460 a.C.; também 337, século V a.C.) em vez de *άλιεῦσι*.

<sup>103</sup> P. ex. IG I<sup>2</sup> 372 (409/8 a.C.) linhas 118 *ἡέκποδες*; 162 *ἡέκποδε*; 226 *ἡέκπος*.

<sup>104</sup> Assim, temos monstruosidades tais como: a col. I: 4 *καπιστᾶσιν* (por *καθιστᾶσιν*); 5, 6, etc. *ἔδραν* (por *ἔδραν*); 9, 12, 13, etc. *νοικοῦντι* (por *οἰκοῦντι*); 14 *ἡικριώματα* (por *ἱκριώματα*); 14, etc. *ἡεν* (por *έν*); 17, 19, 20, etc. *νοικῶν* (por *οἰκῶν*); 22 *ἡεκ* (por *έκ*); 24, 27, 28 etc. *νοικοῦντι* (por *οἰκοῦντι*); 29, 35, *ἡεργαζομένοις* (por *εργαζομένοις*); 37 *ἡοροφῆν* (por *οροφῆν*); 44 *ἡελί* (por *έπι*); 45 *ἡεντός* (por *έντός*); c col. I: 1 *ἡέχοντα* (por *έχοντα*); 5 *ἡοπισθοφανῆ* (por *οπισθοφανῆ*); 7 *ῶΑρμα* por *ᾶρμα*; 9 *ἡάγοντα* (por *ᾶγοντα*); 13 *ἡελικρούοντα* (por *ελικρούοντα*); 15 *ἡαλοπεκῆ[σι]* (por *αλωπεκῆσι*); 18 *ἡανδρα* (por *ᾶνδρα*); 19 *ἡεἰστηκότα* (por *ειστηκότα*); 21 *ἡ* (por *ή*); 31 *ἡες* (por *ές*); 36 *ἡαπό* (por *άπό*); 49 *ἡεῦδοξος* por *εῦδοξος*; c col. II: 2, 5 *ἡεις* (por *εις*); 13 *ἡελί* (por *έπι*); 13 *ἡελιστυλίω* (por *ελιστυλίω*); 14 *ἡεντός* (por *έντός*); 17 *ἡπροσαπέδομεν* (por *προσαπέδομεν*); 27 *ἡερά* (por *ιερά*); 32 *ἡενεγράψαμεν* (por *ενεγράψαμεν*); 52, 60 *ἡεχόμενος* (por *εχόμενος*); 72 *ἡευμελί[δης]* (por *ευμελίδης*). Veja também IG I<sup>2</sup> 374 (408/7 a.C.): col. IX, 280 *ἡενεγράψαμεν*; 228 *ἡεις*; 285 *ἡοικῶντος*, etc.

<sup>105</sup> A troca da aspiração pode ser ilustrada a partir dos seguintes exemplos: IG I<sup>2</sup> 16 (465 a.C.) linha 6 *ῶτι* em vez de *νότι* e linha 24 *ὀ* em vez de *νο*; IG I<sup>2</sup> 17 (450 a.C.) *ὀρκῶσαι* (por *νορκῶσαι*), 4 *ῶπος* (por *νόπως*) e IG I<sup>2</sup> 19 (453 a.C.) *νόρκον*, *νοί*, *νόπος*; IG I<sup>2</sup> 14-15 (440/39 a.C. = SEG X, 17 (450 a.C.) *ὀς* (por *νος*), *αἰρεθέντες* (por *ηαιρεθέντες*), *ῶπος* (= *νόπως*), *ἔκαστος* (= *ἡέκαστος*), *ἡμέρας* (= *ἡειμέρας*), *ῶτι* (= *νότι*); SEG X, 14 (450 a.C.) *ἡέχον* (por *έχων*); IG I<sup>2</sup> 41 446/5 a.C.) *ἡεστιαίας* e *ἡεστιαίας*, *ἡάν* *δέ* *τις* *ᾶγει*, *δέσθο* *νο* *ἡαλός* (= *ᾶλλος?*); SEG X, 35 (446/5 a.C.) *ὀρκῶσαι* (por *νορκῶσαι*), *ὀρκῶτον* (por *νορκῶτων*) e *ῶπος* (por *νόπως*); *ἡΑσσηρίται* (CIA I, 234, 26, 444 a.C.) e *ἡΑσσηρίται* (CIA I, 229; 230; 231; 238; 242-244); *ἡήσσιοι* (CIA I, 230 frg. 25, 6, 450 a.C. e *ἡησσιοι* (CIA I, 226, 9, 454 a.C.; 264, 20, 420 a.C.); *ἡαριθμόν* (CIA I, 167, 9, 412 a.C.) e *ᾶριθμόν* (CIA I, 233, a, 97, 409 a.C.; 228, 17, 452 a.C.); *ἡάβδηρα* (CIA I, 242, 20, 438 a.C.); *ἡΑβδηρίται* (CIA I, 226, 5, (454 a.C.) bem como *παρ* *ᾶβδηρα* (CIA I, 228, 16, 452 a.C.); *ἡΑιραῖοι* (CIA I, 230, 5, 450 a.C.; 232, 6, 448 a.C.; 233, 5, b, 447 a.C. etc.) e *Αἰραῖοι* (CIA I, 226, 6, b, 454 a.C.; 240, 7, 440 a.C.; 238, 11 (Αἰραιῆς), 442, a.C.); *ἡΑισώνιοι* (CIA I, 240, 49, 440 a.C.) e *Αἰσώνιοι* (CIA I, 257, 53, 427/425 a.C.); *ἡελπίδι* (CIA I, 442, 8, 432 a.C.) em vez de *έλπιδι*; *ἡεξιστράτη* (W. Klein, *Die Griechische Vasen mit Meistersignaturen*, Wien 1887, 33, séculos VII-VI a.C.) e *εῦξάμενος* (CIA IV, b, 373, 202, século VI a.C.); *ἡέχει* (CIA IV, 373, b, início do século VI a.C.) em vez de *έχει*; *καθέχει* (no caso aspirado: CIA I, 479, 3, 500 a.C.) em vez de *κατέχει*; *ἡέχον* (CIA IV, 170, 7, 422 a.C.; 166, 6, 413 a.C.) em vez de *έχον*; SEG X, 49 (432/1 a.C.) *ὀσεμέραι* para *νοσεμέραι*; SEG X, 63 (430 a.C.) *ἡεαυτόν* por *ἡεαυτόν*; SEG X, 67, 13 (428/7 a.C.) *ἡΕλληνοταμίαι* em vez de *ἡΕλληνοταμίαι*.

<sup>106</sup> P. ex. *προσηκέτω* (CIA I, 40, 15, 428/423 a.C.) e *προσήκειν* (mesma inscrição, linha 45); *πριμημποδῖους* (CIA I, 322, a, 12, 409 a.C.) e *τριμηπόδια* (CIA I, 321, 15, antes de 409 a.C.).

A ocorrência frequente de H com ρ, λ, γ, etc. e F (digamma)<sup>107</sup> - onde a aspiração é impossível - indica que o senso de aspiração havia sido perdido. Isso junto com as evidências citadas acima respeitando o uso extremamente errático do H mostra de maneira conclusiva que a aspiração já havia cessado em Atenas antes do final do período clássico. Quando observada no texto ela era como uma relíquia antiga, não um item vivo da língua<sup>108</sup> - assim como tem sido até os nossos dias!

## 6. COROLÁRIOS

As investigações acima mostraram que o século V a.C. foi o século de mudanças significativas para a língua grega (de fato, em certos aspectos o processo já havia iniciado ainda no século VI). Com a finalização do alfabeto de 24 letras, o antigo, a escrita inexacta cedeu espaço para o que veio para se tornar a grafia normativa que está em vigor pelos últimos 2500 anos. Ao mesmo tempo essas mudanças na grafia foram acompanhadas por importantes mudanças na pronúncia. Os ditongos foram recebendo uma pronúncia monotônica, assumindo o som de sua segunda vogal, que na maior parte das vezes era I. O Y foi diluído (inicialmente possivelmente a algo como o *u* francês e finalmente) para I, o som de *u* sendo traduzido por *ou*. A acentuação de comprimento, que claramente nunca foi parte integrante das vogais, mas uma expressão técnica, estava agora desaparecendo. O acento de ênfase, que deve ter sempre existido, passou a entrar em proeminência.

Em resumo, todos esses são elementos característicos da pronúncia do grego moderno começando a aparecer ainda naquela época. Ainda que não possamos ter plena certeza da *exata qualidade* do som de cada letra considerada acima, temos evidências suficientes para saber que a pronúncia atual do grego estava em essência se estabelecendo ainda nos séculos V e IV a.C. Esse processo foi em

<sup>107</sup> Veja p. ex. ληεων (Ἐφημ. Ἄρχ. 1886, p. 87, século VII-VI a.C.); ηρος em CIA II, 1066 (bis, século IV a.C.; ληαβον λιθον (= λαβων λιθον) IGA 360, século V a.C.?; κηορ(η) (CIA IV, b, 373, n. 97, b, séculos VII-VI a.C.); μηεγαλου (CIA IV, b, 373, 208, século VI a.C.).

<sup>108</sup> Platão nunca menciona aspirações em seu *Cratylus*, contudo ele deve ter tido oportunidades para fazê-lo, enquanto de acordo com Aristóteles a única diferença entre οὐ̄ e οῡ era a de ênfase (acento agudo), *Sophistici elenchi*, 177b, 35-178a, 4; veja também 166b, 3-6.

alguns casos completado ainda antes, enquanto em outros casos ele foi prolongado. Isso significa que a então chamada “pronúncia moderna do grego” não é em si moderna. Conseqüentemente, não é correto falar em “grego moderno” e “pronúncia científica (no caso, erasmiana)” do grego. O correto é falar em grego ou (ainda melhor) em uma pronúncia histórica do grego e em uma pronúncia não grega, ou artificial, ou erasmiana do grego.

Hoje, o erro de Erasmo foi percebido e constitui a base do entendimento de que a pronúncia erasmiana não representa a pronúncia do grego antigo.<sup>109</sup> Isso levou a uma mudança de argumento de fidelidade científica para praticidade. Supõe-se que pronunciar o grego do modo erasmiano salvará o estudante de grego do problema de ter que distinguir entre as grafias dos diferentes sons de ι<sup>110</sup>, e esse argumento facilitador se tornou o principal argumento para manutenção de uma variedade de pronúncias que não são naturais ao grego. Contudo, esse argumento não é de todo correto. Em meus vinte e três anos de experiência ensinando o grego do NT a estudantes suecos (também britânicos, belgas, alemães e outros) (pronunciando-o na maneira erasmiana!) descobri que, se meus alunos são capazes de distinguir entre H e I, eles o confundem com E. Eles também tendem a confundir X com K e Θ com T. Além disso, o descuido com a ênfase (a sílaba acentuada) dos erasmianos não apenas produz um som não grego, mas também confunde diferentes palavras soletradas identicamente, cuja diferença de significado é indicada por serem acentuadas em sílabas diferentes.<sup>111</sup> Em outras palavras, não é verdade

<sup>109</sup> Esse reconhecimento levou a uma atitude de indiferença com relação à pronúncia do grego pelos professores de grego. Isso pode ser exemplificado por uma conversa entre professores de grego (no caso acadêmicos clássicos) que foi testemunhada certa vez. Um deles, novo no círculo, questionava os demais sobre se ele deveria pronunciar a letra Θ como T ou com o inglês *th* (em *thin*). Muitos do grupo manifestaram suas opiniões dizendo que não importa como a letra é pronunciada! Para destacar que a questão não era importante um deles passou a dizer que como ele não era capaz de pronunciar o som grego de X (no caso como na palavra χάρις) como *ch* soando como no alemão “Bach”, ele pronunciava como no inglês *sh* (no caso *sharis*)!

<sup>110</sup> A queixa de que o grego moderno tem muitos sons de i - no caso seis (sete com η) no total - é totalmente infundada. Os sons de i presentes no inglês foram calculados e são em torno de vinte e oito. Uma análise das primeiras 100 vogais presentes no livro de Mateus (capítulo 2), João, Romanos, Atos e Apocalipse indica uma média de sons de i a cada 100 vogais: grego 19.2; inglês 32.4; alemão 19.6; francês 13.6; italiano 20.2 e holandês 21.8.

<sup>111</sup> P. ex. ἄκμηνος (jejum de comida) ἀκμηνός (crescimento total); ἀκράτως (sem ser misturado) ἀκρατῶς (de forma descontrolada); βᾶτος (espinaheiro) e βατός (adjetivo verbal: “que pode ser passado”); δέρειν (pres. inf.) δερειν (fut. inf.); δῆμος

que a pronúncia não grega “nos ajuda a soletrar o grego corretamente”!

Em vista dos resultados da investigação acima parece haver apenas um rumo a tomar: o abandono da pronúncia erasmiana e o retorno à pronúncia grega. Esta é “uma demanda científica e uma prática desejável”, para usar uma frase cunhada por um grande estudioso do NT<sup>112</sup>, e isso pelas seguintes razões:

1. A afirmação dos erasmianos de que pronunciam o grego de maneira científica, ou seja, conforme o grego antigo, é assaltada por dificuldades insuperáveis.

Primeiro, é de conhecimento comum que ninguém pode aprender a pronunciar uma língua estrangeira meramente lendo livros naquela língua ou consultando dicionários, mesmo aqueles que são providos de auxílio fonético. É necessário expor-se constantemente ao som da língua escutando e tentando imitar falantes nativos. Mesmo assim, será extremamente difícil aprender a pronunciar a língua como os nativos fazem, se o estudante tem mais do que oito anos de idade. No caso do grego antigo nós não temos mais a possibilidade de ouvir Sócrates ou Platão, como estudantes crescidos do grego resta apenas a possibilidade de imitar sua pronúncia correta.

Segundo, é imediatamente incumbido aos erasmianos que eles apliquem aos textos de cada período em particular a pronúncia que foi corrente naquela época. Assim, Homero deveria ser pronunciado com a pronúncia que foi usada no seu tempo, Platão e Aristóteles com a pronúncia ateniense dos séculos V e IV a.C. (que estava sofrendo importantes mudanças), o Novo Testamento com uma pronúncia que era praticamente idêntica à pronúncia do grego moderno, e os pais da

---

(pessoa) δημός (gordura); διαίρω (levantar) διαιρῶ (dividir); δόκος (= δόκησις, opinião) δοκός (viga); ἔδρανον (assento) ἔδρανόν (neut. adj.: estável); εἶμι (ir) εἶμί (eu sou); ἔλευσις (vinda) Ἐλευσίς (Eleusis); ζήτω (pres. ind. 3a pess. sing. de ζάω) ζητῶ (eu procuro); θεά (vista) θεά (bondade); θερμη (calor) θερμή (adj.: morno); ἱέρεια (sem sacerdote) ἱερεία (festival, sacrifício); ἴω (pres. subj. de εἶμι) ἰώ (exclamação ai!); κόνις (poeira) κονίς (lêndea); νόμος (lei) νομός (pasto, distrito); οἶνος (vinho) οἶνός (= οἶνη: o lançar dos dados); πότε (quando?) e ποτέ (sempre); τίς, τίνος, τίνι, τίνα (pronomes interrogativos) τις, τινός, τινί, τινά (pronomes indefinidos), assim como os verbos com futuro ático, p. ex. αἰσχύνω (pres. ind.) e αἰσχυνῶ (fut. ind.); κρίνω (pres. ind.) e κρινῶ (fut. ind.); μένω (pres. ind.) e μενῶ (fut. ind.), νέμω (pres. ind.) e νεμῶ (fut. ind.).

<sup>112</sup> O subtítulo de um importante estudo por Anton Fridrichsen, em A. Fridrichsen, *Exegetical Writtings. A selection*. Traduzido e editado por Chrys C. Caragounis e Tord Fornberg (WUNT 76, Tübingen: J. C. B. Mohr (P. Siebeck) 1994) 21.

igreja conforme o grego moderno.<sup>113</sup>

Terceiro, quatro séculos e meio de tentativas de estabelecer a natureza científica da pronúncia de Erasmo levaram a resultados comprovadamente falsos, ou que falharam em convencer os próprios teóricos. Para ilustrar, citarei uma passagem de uma das mais recentes defesas do erasmianismo Allen, sua *Vox Graeca*. Dificuldades práticas em “distinguir consoantes oclusivas não aspiradas e sem som das aspiradas, ambas na fala e na escuta”, levaram Allen a ignorar a pronúncia erasmiana nestes pontos e a aconselhar a pronúncia das “oclusivas aspiradas na maneira bizantina” (no caso, como o grego moderno)! (p. 27). Na página 35 a pronúncia é recomendada não com base científica, mas com “base prática”! Na página 57 “qualquer grau de aspiração que possa ter existido aqui pode ser ignorada pelo leitor moderno”. Quando, na página 73, ele não consegue ocultar seu pensamento, ele recomenda determinada forma pois “se estamos errados, pelo menos não devemos estar fazendo nada pior que, digamos, pronunciar Aeschylus como Demosthenes deve ter feito; visto que, se adotarmos a outra alternativa, estaremos atribuindo a um autor a pronúncia que ele nunca teve na antiguidade”! Essa admissão reveladora diz muito, mas alguém pode pensar por que a luz disso os erasmianos ainda persistem em pronunciar p. ex. o Novo Testamento (mesmo no seu ponto de vista) de maneira anacrônica? Na p. 83 as conclusões às quais seu estudo o leva não são boas o suficiente para a recomendação, então ele aconselha que “a solução mais simples parece ser uma que é de fato mais amplamente adotada, nomeadamente para antecipar o desenvolvimento por dois ou três séculos”! Nós devemos então perguntar, por que não substituir toda a elaboração por aquilo que sabemos ter sido a pronúncia “dois ou três séculos” depois, no caso, praticamente o grego moderno. Com relação à notória “pronúncia musical” do grego antigo, Allen diz na página 118: “O autor ouviu muitas gravações, recentes e menos recentes, de tentativas de recitação tonal (no caso, musical) do grego antigo, e, embora algumas sejam menos censuráveis ou ridículas do que outras, não encontrou nenhuma que seja convincente”. Após tal confissão, que é equivalente a uma falha total dos erasmianos em dizer-nos como soava a então

<sup>113</sup> O mesmo princípio deveria se aplicar para diferentes dialetos, ático, beócio, jônico, eólico, dórico, *thessalic*, etc.

chamada expressão musical do grego antigo, alguém esperaria que o autor recomendasse o sotaque helênico (que ainda persiste no grego moderno). Mas nada do tipo. O autor segue: “A recomendação cuidadosamente considerada foi dada, embora de forma relutante, não para forçar uma interpretação tonal, mas para concentrar os esforços na fluência e precisão em outros aspectos da linguagem”.<sup>114</sup> Na luz das admissões acima surge uma questão inevitável: Qual é o ponto em persistir com pronúncias nas quais mesmo seus apoiadores e teóricos perderam a confiança?

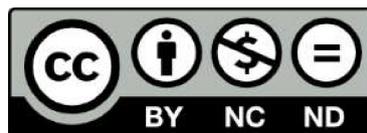
Se é tão claro então que a pronúncia (no sentido estrito, não apenas do valor de várias letras, mas também da qualidade sonora) de Homero e da Antiguidade clássica foi, na ausência de registros, para sempre perdida para nós além da possibilidade de recuperação ou reconstrução, *não seria, nesse caso, histórica e cientificamente mais honesto e correto pronunciar a língua de acordo com seu desenvolvimento natural e histórico, em vez de impor sobre ela sons estrangeiros importados de outro sistema, ou mesmo de uma língua “sobrinha” como as de família indo-europeia?* Se apenas uma pronúncia deve ser usada para a pronúncia de todos esses tipos de escritos - vindo eles de um período de tempo de 1200 anos ou mais, durante o período no qual a pronúncia de fato se desenvolveu - então certamente a pronúncia grega (cujas raízes vêm dos séculos V e IV a.C.) é a única candidata legítima, e não a construção artificial de Erasmo.

2. A pronúncia grega do grego é uma *sina qua non* para a crítica textual. A tradição dos manuscritos é repleta de erros que foram muitas vezes cometidos devido às consequências inevitáveis da tradição dupla - da língua viva e da ortografia histórica - exatamente o mesmo tipo de erro que encontramos nos inscitos áticos do período clássico. A pronúncia grega é a chave para muitas variantes e deve ser tornada a base para a correta avaliação de suas origens, assim como de suas soluções.<sup>115</sup>

<sup>114</sup> Embora na p. 142 ele lamente a pronúncia *heninian* praticada na Inglaterra vendo-a, por exemplo, como um impedimento ao grego moderno, ele em nenhum lugar argumenta em favor da mudança.

<sup>115</sup> A relevância da pronúncia para o trabalho de crítica textual é exemplificada pelo estudo recentemente publicado pelo autor, C. C. Caragounis, ““To Boast” or “To Be Burned”? The Crux of 1 Cor 13:3” (SEA 60 (1995) 115-27, Fs. for R. Kieffer, Eds. B. Holmberg and T. Fornberg) sobre um problema até então não resolvido.

3. Há ainda a questão pragmática. Pronunciar o grego de maneira grega facilita o contato do estudioso com a Grécia. Além disso, abre caminho a partir de um pequeno conhecimento do grego do Novo Testamento (ou mesmo do grego clássico) para se penetrar na riqueza do grego moderno bizantino, que é o descendente direto do helênico e do grego do Novo Testamento. Dessa forma, o grego do Novo Testamento deixará de ser tratado como uma ilha com seus equívocos concomitantes; ele será visto como parte de uma unidade viva maior, a língua grega, o pensamento grego, e a literatura grega como um todo. Isso não enriquecerá o estudo científico do Novo Testamento, que por muito tempo tem sido desprovido de inestimáveis *insights* devido à persistente adesão ao erro de Erasmo.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional